

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



TRABALHO DE PROJECTO

ANÁLISE DA DINÂMICA DE UM GRUPO DE ADULTOS EM PROCESSO
DE RECONHECIMENTO VALIDAÇÃO E CERTIFICAÇÃO DE
COMPETÊNCIAS DE NÍVEL SECUNDÁRIO

Cláudia Maria da Fonte Simões

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE EM
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de especialização em Formação de Adultos

Ano 2009

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



TRABALHO DE PROJECTO

ANÁLISE DA DINÂMICA DE UM GRUPO DE ADULTOS EM PROCESSO
DE RECONHECIMENTO VALIDAÇÃO E CERTIFICAÇÃO DE
COMPETÊNCIAS DE NÍVEL SECUNDÁRIO

Cláudia Maria da Fonte Simões

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE EM
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de especialização em Formação de Adultos

Ano 2009

Trabalho de Projecto orientado pelo Prof. Doutor Rui Canário

Resumo

Desenvolvido no domínio da educação e formação de adultos, o presente trabalho de projecto pretende acompanhar e explicitar a dinâmica de funcionamento de um grupo de adultos em processo de Reconhecimento Validação e Certificação de Competências de nível secundário num Centro Novas Oportunidades.

Para isso, procedeu-se à caracterização do centro em questão, da população abrangida e do primeiro grupo de adultos em processo de reconhecimento de competências de nível secundário.

Procedeu-se seguidamente a uma análise das sessões que tiveram lugar, tendo sido a metodologia de trabalho definida inicialmente alterada por duas vezes, em função de várias reflexões e no sentido de tentar colmatar alguns constrangimentos com os quais a equipa técnico-pedagógica se tem deparado.

Palavras-Chave: Adulto, Aprendizagem, Experiência, Competências, Reconhecimento de adquiridos, Processo de RVCC, Centro Novas Oportunidades.

Abstract

The present project report was developed in the field of education and training of adults and aims to follow and describe the dynamic of a group of adults during the process of identification and validation of their skills at a *Novas Oportunidades* Center.

In order to do so, the Center, the population covered and the first group of adults in process of identification of secondary level skills were characterized.

The first sessions that took place were analyzed and the work methodology initially used was modified twice, as a result of various discussions and with the objective of overcoming some constraints that the technical-pedagogical staff had encountered.

Keywords: Adult, learning, experience, skills, RVCC process, *Novas Oportunidades* Center

Índice

	Pág.
Introdução.....	5
CAPÍTULO I CONTEXTO.....	6
1 O reconhecimento de adquiridos experienciais no campo da educação e formação de adultos.....	6
1.1 Breve abordagem evolutiva.....	6
1.1.1 Os “trinta anos gloriosos”.....	6
1.1.2 Emergência das práticas de reconhecimento de adquiridos.....	7
1.1.3 Movimento de educação permanente.....	7
1.1.4 Paradigma de educação e formação ao longo da vida.....	8
1.1.5 Actualidade: contradições e paradoxos.....	9
1.2 O contexto português.....	11
2 A iniciativa Novas Oportunidades.....	14
Súmula.....	18
CAPÍTULO II MOTIVAÇÕES PESSOAIS.....	19
CAPÍTULO III ANÁLISE DA DINÂMICA DE UM GRUPO DE ADULTOS EM PROCESSO DE RVCC DE NÍVEL SECUNDÁRIO.....	28
1 Caracterização do Centro Novas Oportunidades.....	28
1.1 A equipa técnica.....	28
1.2 Metodologia de Acolhimento, Diagnóstico/Triagem e Encaminhamento.....	30
2 Caracterização da população abrangida pelo CNO.....	33
3 Caracterização do grupo de adultos.....	40

4 Análise das sessões de reconhecimento de competências.....	46
Reflexão final.....	61
Referências bibliográficas.....	67
Índice de quadros.....	70
Índice de gráficos.....	71
Abreviaturas e siglas.....	72
Anexos.....	73

Introdução

O presente trabalho de projecto desenvolve-se em torno de um tema que se tem constituído nos últimos tempos como uma prioridade política no campo da educação e formação de adultos, não só no nosso país, como também em toda a Europa: o reconhecimento, validação e certificação de competências.

Está organizado em três capítulos: no primeiro (Contexto) procura-se efectuar uma breve abordagem da temática do reconhecimento de adquiridos experienciais no campo mais vasto da educação e formação de adultos, de uma forma global primeiramente e especificamente em Portugal num segundo momento, aprofundando a iniciativa Novas Oportunidades; o segundo capítulo (Motivações pessoais) visa dar conta, por um lado, da minha experiência profissional ao nível da educação de adultos e, por outro, esclarecer as motivações que serviram de base para a elaboração do presente trabalho; por fim, no último capítulo (Análise da dinâmica de um grupo de adultos em processo de RVCC de nível secundário) procura-se caracterizar o Centro Novas Oportunidades no qual desempenho funções, a população abrangida, analisar um grupo de adultos em reconhecimento de competências, bem como as sessões que tiveram lugar até ao momento do júri de validação.

CAPÍTULO I CONTEXTO

1 O reconhecimento de adquiridos experienciais no campo da educação e formação de adultos

1.1 Breve abordagem evolutiva

1.1.1 Os “trinta anos gloriosos”

O período imediatamente posterior à segunda guerra mundial, frequentemente designado por “trinta anos gloriosos” (1945-1975) é marcado, ao nível do sistema escolar, pelo crescimento exponencial da oferta educativa, acompanhado pelo crescimento também exponencial da economia mundial. Considerava-se existir uma associação de causalidade entre o desenvolvimento económico e a elevação geral dos níveis de qualificação escolar das populações, sendo que, por esse motivo, as despesas com a educação eram consideradas como um investimento, necessário e imprescindível ao desenvolvimento (Canário, 1999, 2008).

Neste período, a par com o crescimento exponencial dos sistemas escolares, também se registou uma expansão da oferta educativa dirigida a adultos, explicada pela mesma lógica “desenvolvimentista”, que fazia crer que do investimento educativo dependia o desenvolvimento económico. Assim, a partir desta altura a educação de adultos deixa de estar restringida a pessoas pertencentes a determinadas categorias socioprofissionais ou socioculturais (Canário, 1999, 2007).

Contudo, e de acordo com Fernández (2005, 2006), esta oferta educativa dirigida a adultos manteve o mesmo modelo de trabalho educativo que já tinha lugar desde o século XIX, correspondendo a uma alfabetização receptiva (modelo escolar de alfabetização), porquanto não tinha como intuito ensinar a pensar nem a codificar a experiência e o pensamento, mas somente ensinar a ler e a escrever.

1.1.2 Emergência das práticas de reconhecimento de adquiridos

As primeiras práticas de reconhecimento de adquiridos remontam ao período imediatamente posterior ao fim da segunda guerra mundial, aquando do regresso dos soldados americanos ao seu país. O mercado de trabalho, nos anos da guerra, havia sido progressivamente ocupado pelas mulheres, pelo que sentiram muita dificuldade em reocupá-lo depois do seu término. Por outro lado, foram confrontados com a questão de terem, para o prosseguimento de estudos, de recomeçar no ponto exacto em que os tinham interrompido, o que lhes pareceu injusto pois anulava todas as experiências vividas e aprendizagens realizadas durante o período de guerra. As autoridades educativas viram-se, então, confrontadas com a necessidade de considerá-las (Canário, 1999, 2006).

Mais tarde, na década de 60, grupos feministas no Quebec bateram-se pela valorização, ao nível dos critérios de acesso ao ensino superior, das experiências relacionadas com actividades tradicionais de mulheres com percursos escolares reduzidos (Canário, 1999, 2006).

1.1.3 Movimento de educação permanente

No início dos anos setenta, ao nível educativo, consagrou-se o movimento de educação permanente, decorrente de uma filosofia que considerava preponderante a centralidade da pessoa humana, ou seja, a procura de uma “humanização do desenvolvimento”, por oposição ao modelo desenvolvimentista baseado unicamente no crescimento económico (Canário, 1999, 2006, 2007; Finger e Asún, 2003).

Este movimento emergiu nos anos setenta devido à constatação, impulsionada pelo primeiro choque petrolífero e pela consequente crise económica mundial, de que o crescimento económico tem limites e, por sua vez, de que não existe, como se pensava durante os “trinta anos gloriosos”, uma relação de causalidade linear entre as oportunidades educativas e as oportunidades sociais e, em termos mais vastos, entre a educação e o desenvolvimento (Canário, 1999, 2008).

O enfoque, em termos educativos, desloca-se então para a pessoa na sua globalidade e para a questão do “aprender a ser”, tomando o sujeito que aprende o principal protagonista no processo de aprendizagem e passando a dar-se primazia à aprendizagem em detrimento do ensino, nomeadamente às suas potencialidades, em detrimento das deficiências do ensino (Canário, 2007; Fernández, 2005, 2006).

Especificamente referindo-se ao trabalho educativo com adultos, Fernández (2005) dá conta da passagem de um modelo “receptivo alfabetizador” para um modelo “dialógico social”, em que a aprendizagem passa a ser vista como passível de ser produzida em qualquer contexto (não somente no espaço escolar) e em que passam a ser reconhecidas e valorizadas as aprendizagens que as pessoas já realizaram anteriormente através das suas diversas experiências de vida.

Neste âmbito, a corrente das histórias de vida (ao procurar perceber como se formam os adultos) veio, um pouco mais tarde, sublinhar e valorizar ainda mais o papel preponderante da experiência ao nível da formação (Canário, 2007). Com efeito, e segundo Josso (2005), nunca se poderá falar de formação sem experiência, sendo que esta remete para uma dimensão afectiva do sujeito, bem como para a reflexão realizada pelo próprio acerca da situação vivida.

1.1.4 Paradigma de educação e formação ao longo da vida

A corrente das histórias de vida, ao revalorizar o papel da experiência, fundamentou a emergência generalizada, nomeadamente ao nível europeu, de sistemas e dispositivos de reconhecimento e validação de aprendizagens experienciais (apesar de, como já anteriormente referido, as primeiras práticas terem emergido após a segunda guerra mundial), problemática actualmente inscrita num paradigma de educação e formação do longo da vida (Canário, 2007; Pires, 2006).

O Livro Branco sobre a Educação e a Formação, “Ensinar e Aprender, rumo à sociedade cognitiva”, lançado pela Comissão Europeia em 1995, destaca a influência que a educação e a formação têm ao nível económico, no acesso ao emprego e na promoção da igualdade de oportunidades, bem como relativamente à realização pessoal dos cidadãos europeus (Pires, 2002).

Em 2000, a Comissão Europeia edita o Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida, documento que define como principais objectivos a promoção da cidadania activa e o fomento da empregabilidade, reconhecendo e valorizando as aprendizegns não-formais e informais em todo o processo de aprendizagem ao longo da vida (Pires, 2002).

Nesta conformidade, tem-se assistido nos últimos anos, a nível europeu, a um movimento que enfatiza a importância das aprendizagens realizadas a partir da experiência de vida, nomeadamente as aprendizagens não-formais e informais que as pessoas efectuaram à margem dos sistemas tradicionais de ensino (Pires, 2002).

1.1.5 Actualidade: contradições e paradoxos

Na actualidade, a prática do reconhecimento de adquiridos experienciais encontra-se marcada por um paradoxo, que se expressa no facto de, apesar de ter sido fundada com base numa inspiração humanista preconizada pelo movimento de educação permanente, se concretizar em políticas e práticas actuais de formação que não só não corroboram essa inspiração, como a contradizem (Canário, 2006).

Com efeito, as orientações educativas no campo da educação e formação de adultos, longe de procurarem incutir o “aprender a ser” (autoconhecimento, autoestima, globalidade da pessoa), encontram-se subordinadas a uma racionalidade económica e enfatizam a necessidade de desenvolver, nos destinatários das práticas de formação, determinadas capacidades que se prendem meramente com questões de produtividade, competição e consumo (Canário, 2006).

Segundo Canário (1999, 2007, 2008), se olharmos para os discursos políticos a nível europeu na actualidade, nomeadamente para a importância que a aprendizagem ao longo da vida parece revestir, afigura-se assistirmos hoje, em parte, à concretização das aspirações do movimento de educação permanente. No entanto, e ao contrário do que acontecia nos anos setenta, nos nossos dias não se verificam, por um lado, as preocupações da humanização do desenvolvimento, e, por outro, a perspectiva do pleno emprego, o que nos faz viver num “tempo de incertezas” em que o aumento

progressivo da produção de diplomas escolares corresponde não a um aumento de empregos, mas precisamente à sua rarefacção.

Fernández (2005,2006) dá conta , ao nível da educação de adultos, da passagem de um modelo dialógico social para um económico produtivo (ou modelo produtivo de mercado, no qual prevalece a formação mais instrumental e mais rentável economicamente), que exige a aquisição de determinadas competências, como sejam o diálogo e a comunicação, usadas de forma não a promover uma maior cooperação entre as pessoas, mas, pelo contrário, a torná-las mais competitivas.

Segundo o mesmo autor, e ao contrário do que seria expectável, as pessoas que mais participam em formação são as mais escolarizadas e as que melhor estão situadas no mercado de trabalho, pertencentes a classes sociais superiores, em detrimento das outras, como sejam os inactivos ou desempregados.

Assim, e resumindo, o que se verifica nos nossos dias é, por um lado, a privatização das práticas de educação de adultos e, por outro, a instrumentalização dessas mesmas práticas (Canário, 1999; Finger e Asún, 2003; Finger, 2005; Pires, 2002).

O primeiro pressuposto (o da privatização) reflecte-se no sentido de remeter para as próprias pessoas a responsabilidade pela sua própria aprendizagem, assumindo-se então, perversamente, que se por exemplo uma pessoa se encontra no desemprego, é porque não investiu o suficiente na sua formação contínua, sendo por isso uma situação da sua total responsabilidade. Desta forma, nos dias de hoje os adultos vão investindo na sua formação contínua, no sentido de “capitalizar créditos” (certificados e diplomas) para a sua carreira, competindo individualmente com os demais.

Por outro lado, assiste-se cada vez mais à instrumentalização das práticas de educação de adultos, porquanto a aprendizagem é vista somente enquanto meio indispensável para atingir o crescimento económico. É por isso que, ao nível do discurso oficial sobre a formação ao longo da vida, esta remete essencialmente para a formação profissional, correspondendo única e exclusivamente às necessidades das empresas, valorizando-se a aquisição de determinadas competências com valor no mercado empresarial.

Complementarmente, e como refere Canário (1999), as práticas educativas encontram-se marcadas por uma visão técnica, de procura essencialmente de “eficácia” e “qualidade”, sendo que, por esse motivo, muitas vezes se atribui mais ênfase à avaliação da formação do que propriamente ao seu conteúdo.

Pires (2002) dá conta igualmente, ao nível da educação de adultos na actualidade e dos documentos oficiais publicados pela comissão europeia, de um outro ponto crítico, referindo-se a uma perspectiva determinista, segundo a qual todos nós somos levados a crer que nos temos que adaptar necessariamente à economia e ao emprego, através por exemplo da formação em tecnologias da informação e da comunicação, uma vez que o futuro se encontra “pré-determinado” nesse sentido.

1.2O contexto português

No nosso país, verificou-se um grande investimento na educação e formação de adultos no período imediatamente posterior ao 25 de Abril de 1974. Assistiu-se a um intenso movimento popular durante esse período revolucionário, que se constituiu como um processo colectivo de aprendizagem para milhões de pessoas (Canário, 2007; Lima, 2005).

Entre Outubro de 1975 e Julho de 1976, Alberto de Melo foi responsável pela Direcção-Geral de Educação Permanente (DGEP), organismo criado com o intuito de acompanhar os movimentos e grupos de iniciativa popular que floresciam, procurando e fomentando a afirmação da sua autonomia, segundo a lógica humanista do movimento de educação permanente (Canário, 2007; Lima, 2005). Contudo, a partir desta data, e com a extinção da DGEP, os ideais da educação permanente são desacreditados e cedem progressivamente lugar às aspirações da aprendizagem ao longo da vida, subordinadas a imperativos de ordem económica, como já se viu relativamente ao resto da Europa.

É neste sentido que, em 1986, com a adesão de Portugal à União Europeia, é publicada a Lei de Bases do Sistema Educativo, documento elaborado no sentido de fomentar profundas mudanças no sistema educativo do nosso país, com vista à sua modernização económica. No entanto, todo o documento faz referência ao sistema de

ensino para os mais novos, atribuindo muito pouco valor à educação e formação de adultos, bem como às modalidades de educação não-formal (Canário, 2007), como sejam a educação popular e o movimento associativo que prosperaram durante o período imediatamente posterior ao 25 de Abril (Lima, 2005).

A referência feita no documento relativamente aos adultos diz exclusivamente respeito ao ensino recorrente e à formação profissional, ofertas destinadas maioritariamente a jovens pouco escolarizados, a primeira delas frequentada durante a segunda metade da década de oitenta e a primeira de noventa na sua maioria por jovens que apresentavam insucesso e/ou que abandonavam precocemente o ensino regular diurno, constituindo-se dessa forma como uma segunda oportunidade de qualificação escolar (Canário, 1999; Lima, 2005).

Em 1999, numa tentativa de fazer renascer os ideais do movimento de educação permanente, é criada a Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA), que estabeleceu processos e dispositivos de reconhecimento de adquiridos experienciais, primeiramente destinados a adultos muito pouco escolarizados (Canário, 2006), bem como novos cursos de educação e formação de adultos. No entanto, e segundo Lima (2005), essa tentativa de revalorização de determinados aspectos educativos consagrados pelo movimento de educação permanente mostrou-se ultrapassada por imperativos de carácter economicista, prevalecendo mais uma vez as questões relacionadas com produtividade e competição.

É precisamente segundo esta lógica que, em 2002, é extinta a ANEFA e criada a Direcção-Geral de Formação Vocacional (DGFV), numa tentativa de articular a educação e a formação de adultos com o mercado de trabalho (Canário, 2006 ; Lima, 2005).

Durante a primeira metade da nossa década haviam sido criados 98 Centros de Reconhecimento Validação e Certificação de Competências (CRVCC; centros destinados ao desenvolvimento de processos de reconhecimento de adquiridos experienciais) e atribuídos 50.000 diplomas de equivalência ao 4º, 6º ou 9º ano de escolaridade.

Em 2006, no documento “Novas Oportunidades. Iniciativa no âmbito do Plano Nacional de Emprego e do Plano Tecnológico” estes resultados foram considerados insuficientes, e é então impulsionado um novo esforço no sentido da aceleração da qualificação da população portuguesa, passando a considerar-se como “patamar mínimo” de certificação não o nível básico mas sim o secundário (12º ano de escolaridade).

A DGFV passa então a designar-se Agência Nacional para a Qualificação, I.P. (ANQ) (Decreto-Lei 276-C/2007 de 31 de Julho) e os CRVCC Centros Novas Oportunidades (CNO), que passam a ser considerados como “portas de entrada” para a qualificação de adultos, cabendo-lhes funções de diagnóstico e triagem e o encaminhamento do adulto, ou para processos de RVCC (Reconhecimento Validação e Certificação de Competências; desenvolvidos no CNO) ou para outras ofertas educativas e formativas, externas a esse centro.

2 A iniciativa Novas Oportunidades

O documento “Novas Oportunidades. Iniciativa no âmbito do Plano Nacional de Emprego e do Plano Tecnológico” (2006) enfatiza a necessidade de qualificação da população, no sentido da modernização e desenvolvimento do país, reunindo dessa forma “recursos fundamentais de competitividade equiparados à média dos países da União Europeia”.

Com efeito, no documento supracitado é referido que o atraso “que nos separa dos países mais desenvolvidos radica, em grande medida, no insuficiente nível de qualificação da população portuguesa (...) A solidez do processo de modernização do país depende essencialmente de vencermos a batalha da qualificação”.

Para alcançar os objectivos pretendidos, a iniciativa propõe investimentos em dois eixos de intervenção, o primeiro orientado para a qualificação de jovens e o segundo para a qualificação de adultos.

São então definidas metas ambiciosas até ao ano de 2010 no que diz respeito a cada um dos dois eixos de intervenção: o envolvimento de mais de 650 mil jovens em cursos técnicos e profissionalizantes (no primeiro caso) e a qualificação de 1.000.000 de activos, no caso de adultos que entraram na vida activa e que possuem níveis de escolaridade inferiores ao ensino secundário.

Para o cumprimento das metas definidas relativamente ao segundo eixo de intervenção (adultos), propõe-se a “expansão da oferta de cursos de educação e formação de adultos e o alargamento da rede e número de pessoas abrangidas pelo Sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências”. Espera-se assim, para o cumprimento das metas definidas, certificar 650 mil adultos através de processos de RVCC (de nível básico, secundário ou profissional) e 350 mil através de cursos e outras modalidades de educação e formação.

Centrando-nos no Reconhecimento Validação e Certificação de Competências, tema em análise no presente trabalho de projecto, actualmente desenvolvem-se processos de nível básico (B1, B2 ou B3, respectivamente conferindo o 4º, 6º ou 9º ano de

escolaridade), de nível secundário (conferindo o 12º ano de escolaridade), ou profissionais (conferindo uma qualificação de Nível 2 ou 3).

Especificamente em relação aos processos RVCC escolares (de nível básico ou secundário), destinados a quem, na fase de diagnóstico, revele uma abrangência de experiências (pessoais, profissionais e sociais) que indiciem um conjunto diversificado de competências, é pedido a cada adulto que construa um Portefólio de competências, baseado nas aprendizagens formais, não formais e informais que adquiriu ao longo da vida.

Metodologicamente, o processo de RVCC deve ser orientado segundo duas abordagens: (auto)biográfica (procurando-se promover e incentivar práticas de auto-reflexão, estimulando os adultos a pensar sobre determinadas experiências de vida); balanço de competências, permitindo a valorização e evidenciação de competências, envolvendo a história de vida do adulto e enfatizando as suas aquisições e os seus pontos fortes (Gomes, 2006b).

Em 2007 foi disponibilizada pela ANQ, a todos os Centros Novas Oportunidades que constituem a Rede Nacional, uma Carta de Qualidade (Gomes, 2007), documento onde se definem orientações a cumprir por cada um dos Centros, nomeadamente quanto à sua missão, princípios orientadores, requisitos de estruturação do trabalho e etapas/dimensões de intervenção.

Tal como previsto no documento supracitado, o processo de RVCC estrutura-se em sessões de reconhecimento presencial nos Centros Novas Oportunidades (orientadas pelos Profissionais de RVC), individuais e de grupo, e em sessões de validação com os formadores das diferentes Áreas de Competências-chave.

Para cada nível de certificação no nível básico (B1, B2 ou B3) é necessário que o adulto evidencie no Portefólio um conjunto muito diversificado de competências integradas em 16 Unidades de Competência (4 por cada Área de Competências-Chave: Cidadania e Empregabilidade; Matemática para a Vida; Tecnologias de Informação e Comunicação; Linguagem e Comunicação). Estas competências encontram-se devidamente identificadas no Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos de Nível Básico (Alonso, 2002).

No nível secundário é necessário evidenciar um mínimo de 44 competências-chave a partir de um total de 88 incluídas no Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos de Nível Secundário (Gomes, 2006a). Estas competências estão associadas a 22 Unidades de Competências / Núcleos Geradores (com 4 competências-chave cada) e distribuem-se por três Áreas de Competências-Chave: Cidadania e Profissionalidade (CP); Sociedade, Tecnologia e Ciência (STC) e Cultura, Língua e Comunicação (CLC). Devido à complexidade deste documento, foi igualmente elaborado um Guia de Operacionalização do Referencial (Gomes, 2006b), contendo orientações metodológicas, alguns casos ilustrativos, bem como fichas-exemplo dos critérios de evidência, definidos no Referencial de Competências-Chave, para cada uma das competências das áreas de STC e CLC.

Em qualquer dos níveis (básico ou secundário), encontram-se definidas sessões de validação de competências efectuadas pela equipa técnica. Se um candidato não evidenciar o número mínimo de competências exigidas, de acordo com os referenciais, poderá ser encaminhado para formações complementares previstas no próprio processo de RVCC, até ao máximo de 50 horas. Poderá também acontecer que o adulto, apesar da formação complementar, não consiga evidenciar o número mínimo de competências, pelo que obterá uma certificação parcial (emissão de um certificado de qualificações com a identificação das unidades de competência validadas), após a qual poderá ser encaminhado para a integração em cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA) ou Formações Modulares promovidas por entidades formadoras privadas, escolas públicas ou centros de formação profissional (operadores do Sistema Nacional de Qualificações), no sentido de obter a certificação desejada.

Os processos de RVCC terminam com a realização de uma sessão de júri de certificação (total ou parcial) que é pública e formaliza todo o percurso desenvolvido. Nestas sessões, para além da equipa técnica do Centro Novas Oportunidades, do seu coordenador e do seu director, está presente também um avaliador externo acreditado e pertencente a uma Bolsa Nacional.

Em 2008, a rede nacional de Centros Novas Oportunidades foi bastante alargada, sendo em Julho do presente ano composta por 450 Centros em Portugal Continental e 6 na Região Autónoma da Madeira, esperando-se que no próximo ano se possam

atingir os 500 Centros prospectivados (ANQ, Balanço da Iniciativa Novas Oportunidades na vertente destinada aos adultos; Julho de 2009).

Súmula

As práticas de reconhecimento de adquiridos experienciais que conhecemos na actualidade foram fundadas com base numa inspiração humanista preconizada pelo movimento de educação permanente, movimento esse que teve lugar no início dos anos setenta e em que passou a ser valorizado o papel da experiência em todo o processo de aprendizagem.

Contudo, em termos de políticas e práticas concretas, a nível europeu, apercebemo-nos que nos encontramos longe dos ideais desse movimento, uma vez que não parece existir propriamente uma preocupação pela humanização do desenvolvimento.

A este nível, parecemo-nos encontrar mais próximos da lógica desenvolvimentista prevalecente durante os “trinta anos gloriosos” (expressa no nosso país, por exemplo, no documento oficial de 2006 “Novas Oportunidades. Iniciativa no âmbito do Plano Nacional de Emprego e do Plano Tecnológico”, onde é reiterada a “necessidade de qualificação da população, no sentido da modernização e desenvolvimento do país”), apesar de, nos nossos dias, cada vez mais sermos confrontados com a inexistência de uma relação causal entre as oportunidades educativas e as oportunidades sociais. Com efeito, assistimos na actualidade, por uma lado, à emissão de diplomas escolares cada vez em maior número e, por outro, à rarefacção de empregos.

CAPÍTULO II MOTIVAÇÕES PESSOAIS

Sou licenciada em Psicologia, ramo Educacional, e neste momento encontro-me a desempenhar funções de Profissional de RVC no Centro Novas Oportunidades da Escola Secundária C/ 3º Ciclo do Ensino Básico Camilo Castelo Branco.

Acabei o curso em 2000, tendo sido logo nesse ano contratada, em regime de substituição temporária, para exercer funções de psicóloga no Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) da Escola Básica 2,3 de Paula Vicente. As principais responsabilidades e actividades que desenvolvi nesse ano lectivo (2000/2001) prenderam-se com o apoio psicopedagógico a alunos, bem como à actividade lectiva dos professores, a orientação escolar e profissional destinada aos alunos do 9º ano de escolaridade, o desenvolvimento de um programa de métodos e técnicas de estudo (tendo como público alvo os alunos de duas turmas do 5º ano de escolaridade), a participação, como monitora, na implementação do jogo “*Aventura na Cidade*” (da autoria da ARISCO – Instituição para a Promoção Social e da Saúde) numa turma do 6º ano de escolaridade, o apoio psicopedagógico e orientação escolar e profissional destinada aos alunos pertencentes a uma turma de Currículos Alternativos, entre outros.

No ano lectivo seguinte (2001/2002), desempenhei também funções de psicóloga, desta vez no Externato S. José, no Restelo.

Especificamente na área da formação de adultos, tenho experiência profissional desde 1999, tendo sido, no Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores, formadora de diversas acções destinadas a Auxiliares de Acção Educativa (AAE) e a Assistentes de Administração Escolar, nomeadamente: “O papel dos AAE na promoção da qualidade da educação”, “Cultura escolar e qualidade da educação”, “Organização escolar”, “Eu, nós e os outros”, “Sistema educativo” e “Formação educacional e apoio pedagógico”.

Em termos de práticas de educação e de formação de jovens (para além das duas experiências mencionadas anteriormente de trabalho enquanto psicóloga), tive a oportunidade, em 2004, de exercer funções de Técnica de Intervenção Local no PIEF (Plano Integrado de Educação e Formação) de Torres Vedras, no âmbito do PETI

(Programa para Prevenção e Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil), tendo sido responsável por prestar apoio psicossocial a jovens que se encontravam em situação de abandono escolar, vítimas ou em perigo de trabalho infantil, bem como às respectivas famílias.

No ano lectivo de 2006/2007 desempenhei funções na Escola EB 2,3 dos Pombais, em Odivelas, enquanto formadora de quatro disciplinas de um Curso de Educação e Formação (CEF) de Tipo 2 de Acompanhante de Crianças: Psicologia, Acompanhante de crianças, Assistência a crianças ao domicílio e Apoio a actividades de tempos livres.

Em Centros Novas Oportunidades (CNO), desempenho funções como Profissional de RVC, ao nível de Processos de RVCC desde Setembro de 2007. Estive durante cerca de um ano num CNO da rede do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), e desde Setembro de 2008 encontro-me no da Escola Secundária C/ 3º Ciclo do Ensino Básico Camilo Castelo Branco.

Em Setembro de 2007 (aquando da minha primeira experiência como profissional de RVC) fui contratada, juntamente com sete colegas, para dar início ao processo de RVCC de nível secundário nesse CNO.

O alargamento do processo RVCC ao nível secundário teve início a partir de Janeiro de 2007, mas foi precisamente a partir do mês de Setembro que a maioria dos centros o implementou, pelo que não tínhamos na altura muitos exemplos de práticas passíveis de nos servirem de suporte.

Acresce a esta dificuldade o facto de, numa equipa constituída por oito pessoas, apenas três terem experiência anterior ao nível do reconhecimento de adquiridos experienciais, uma relativamente ao processo de nível básico, enquanto profissional de RVC, e as outras duas enquanto formadoras de nível secundário, num outro CNO, tendo por isso escassos meses de trabalho nesta área.

Estivemos então cerca de um mês a reflectir em conjunto, com o intuito de definir uma metodologia de trabalho que nos parecesse à partida mais adequada, em função do que fomos conhecendo do processo RVCC através da leitura de diversos documentos

(entre os quais o Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos de Nível Secundário), da frequência, nos dias 10 e 11 de Setembro, da Acção de Formação sobre o “Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos – Nível secundário”, promovida pela ANQ, bem como da partilha de conhecimento por parte dos três colegas com experiência anterior na área.

Ao contrário do processo RVCC de nível básico, no nível secundário não existem instrumentos de trabalho pré-definidos (“instrumentos de mediação”) que possam servir de apoio ao trabalho desenvolvido. Se no início esse facto nos pareceu uma limitação, estou segura de que acabou por permitir um maior confronto de ideias e reflexões em equipa no sentido da elaboração dos nossos próprios instrumentos e actividades.

Considero que esse mês inicial dever-se-ia ter prolongado durante pelo menos mais um, no sentido da consolidação de toda a informação adquirida, reflexões realizadas e metodologia definida. Contudo, cerca de um mês depois decorreu a primeira sessão de reconhecimento de competências com o primeiro grupo de adultos.

Ao longo do ano em que desempenhei funções nesse CNO (até Agosto de 2008) a metodologia definida foi sofrendo inúmeras alterações, no início fruto de reflexões em equipa, e com o tempo devidas essencialmente a pressões relativas a metas, quantificadas através do número de certificados emitidos, sempre aquém do esperado.

Com efeito, considero que muitas vezes, face à imposição de metas quantitativas de certificações a atingir, e mesmo sem uma clara consciência de que o fazíamos, tendíamos a “deturpar” o próprio processo, por exemplo ao atribuirmos mais valor à validação de competências, em detrimento do próprio reconhecimento das mesmas, etapa que exige bastante reflexão e um balanço pessoal por parte do adulto.

Esta “deturpação” operacionalizou-se por exemplo através da apresentação e descodificação do Referencial de Competências-Chave aos adultos, antes dos mesmos terem passado por uma fase de exploração individual das suas próprias experiências de vida, aprendizagens e competências adquiridas, o que me parece à partida redutor, nomeadamente em termos das experiências a serem exploradas no Portefólio Reflexivo de Aprendizagens (PRA).

Com efeito, ao longo do tempo, com o intuito de acelerar o processo, a análise que a equipa fazia relativamente à autobiografia solicitada inicialmente a cada adulto foi progressivamente perdendo a sua importância. O que nos parecia na altura relevante prendia-se com a descodificação do Referencial aos adultos, devendo esta ser feita o mais rapidamente possível, para que pudessem desde logo começar a elaboração do seu PRA focando as competências valorizadas.

Esta metodologia era adoptada no sentido de facilitar a consciencialização por parte do adulto relativamente às experiências da sua vida que deram origem a aprendizagens e competências reconhecidas e validadas no Processo, ou seja, as que constam do Referencial de Competências-Chave, procurando desta forma facilitar e acelerar o processo de reconhecimento e validação das mesmas.

Ao longo do tempo, no entanto, fomos verificando que, procedendo desta forma, as experiências relatadas tendiam a “uniformizar-se”, porquanto não estávamos dispostos a ouvir primeiramente a história de vida de cada um (embora nunca tivéssemos deixado de solicitar a autobiografia inicial), sem quaisquer tipo de imposições relativas ao referencial.

Tomávamos consciência de que o processo não estava a conseguir abarcar a diversidade e riqueza de aprendizagens experienciais que seria desejável quando acontecia, por exemplo, na própria sessão de júri de validação serem relatadas experiências extremamente ricas e que nunca antes haviam sido referidas.

Por outro lado, se esta metodologia pretendia acelerar o processo, a verdade é que, com o tempo, fomos verificando que isso não acontecia. A maioria dos adultos envolvidos apresentava inúmeras dificuldades ao nível da elaboração do PRA, muitas das quais resultantes directamente de limitações associadas à “imposição” do referencial descontextualizadamente.

De facto, não raras vezes em conversas com candidatos em processo, eram-me explicitadas dúvidas que se prendiam com esta questão, por exemplo, com a obrigatoriedade de inclusão de determinado assunto no PRA, assunto esse que, segundo o adulto, pouco se relacionava com a sua experiência de vida.

Se a equipa, numa fase inicial, tentou proceder sempre que havia oportunidade a reuniões de reflexão, identificando pontos positivos, constrangimentos e possíveis estratégias para a sua superação, a verdade é que ao longo do tempo, quer pelo excesso de trabalho acumulado, quer pelo desgaste sentido, fruto de pressões que todos sentíamos relativas a resultados (as “metas”, operacionalizadas em termos quantitativos de certificações a emitir), as reuniões foram gradualmente perdendo esse carácter reflexivo.

Neste momento, olhando para trás com algum distanciamento, considero que, para além da apresentação do referencial demasiadamente cedo e descontextualizadamente, a subjectividade deste documento (onde os “critérios de evidência” de cada uma das competências-chave carecem, na minha opinião, de transparência e de operacionalidade) tornou-nos pouco flexíveis ao nível da sua interpretação. Assim, sob o pretexto da qualidade e exigência do processo, creio termo-nos tomado demasiadamente rigorosos e criteriosos relativamente ao que se encontrava escrito nos Portefólios, esquecendo porventura aspectos mais importantes relacionados com as histórias de vida dos candidatos.

Parece-me precisamente essa outra das grandes limitações que tivemos, o facto de nos termos apoiado demasiadamente e ter feito o processo depender quase exclusivamente da escrita. Muitas vezes sentia que validávamos não competências adquiridas ao longo da vida (em contextos formais, não-formais e informais), mas apenas relacionadas com a expressão escrita. Com efeito, para os adultos que porventura apresentassem maiores dificuldades a esse nível a elaboração do PRA tornava-se também muito mais dificultada.

Por outro lado, ao sobrevalorizarmos a escrita em detrimento da oralidade, adultos com menos experiências de vida e/ou com menos aprendizagens decorrentes delas, mas com boa fluência escrita e com uma boa capacidade de interpretação do referencial, viam reconhecidas competências que porventura não correspondiam às reais competências detidas.

Será este um constrangimento implícito no próprio processo RVCC, ou poder-se-iam evidenciar competências por outras vias que não a escrita? Quantos dos adultos

propostos para certificação parcial (os que não evidenciaram o número mínimo de competências exigidas), ao invés de ausência de competências incluídas no referencial, tiveram apenas dificuldade na sua transposição para o papel? Por outro lado, mesmo sem dificuldades a este nível, que critérios nos serviram de base para que um adulto fosse proposto para certificação parcial, sendo o referencial um documento tão subjectivo?

Por fim, e tal como é explicitado por Cavaco (2007) ao referir-se à dicotomia “avaliação humanista / avaliação instrumental”, ou por Pires (2007), quando dá conta da tensão existente entre a lógica formativa (reconhecimento) e a lógica sumativa (validação), como poderemos articular da melhor forma o acompanhamento individualizado que cada adulto necessita para o reconhecimento das suas aprendizagens e competências detidas, com as metas quantitativas a cumprir pelo CNO?

No final de um ano de trabalho eram estas, entre outras, as dúvidas que tinha. O sentimento (creio que geral) era o de um enorme cansaço, o que não permitia a partilha deste tipo de pensamentos, para além de termos descurado os momentos de reflexão em equipa por “falta de tempo”.

No mês de Agosto, durante o período de férias antes de iniciar funções no CNO da Escola Secundária C/ 3º Ciclo do Ensino Básico Camilo Castelo Branco, pude continuar este tipo de reflexão, desta vez com um olhar externo, mais afastado, e por isso mais justo e imparcial.

Assim, quando iniciei funções no CNO da Escola Secundária Camilo Castelo Branco (em Setembro de 2008), encontrava-me “mentalmente” mais organizada e conseguia verbalizar com clareza a maior parte das dúvidas e incertezas supracitadas.

Este CNO teve início nesse mês, Setembro de 2008. Fui contratada, juntamente com três colegas: uma Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento e outras duas Profissionais de RVC. Os formadores eram já professores da própria escola.

Considero muito positivo e gratificante o facto de ter ajudado a iniciar o CNO, possuindo experiência anterior, bem como a oportunidade de, ao contrário do que

acontecía anteriormente, acompanhar processos de RVCC de ambos os níveis, básico e secundário.

Embora presentemente ainda me encontre a acompanhar candidatos dos dois níveis, optei por desenvolver o presente trabalho de projecto centrando-me no secundário, nomeadamente por ter sido implementado recentemente no nosso país.

Durante os primeiros meses (enquanto definíamos em equipa a metodologia de acolhimento, diagnóstico/triagem e encaminhamento dos adultos, bem como a metodologia referente aos processos de RVCC de nível básico e secundário) tive a oportunidade de reflectir sobre os constrangimentos mencionados anteriormente com outra das Profissionais de RVC, também com experiência anterior de cerca de um ano em reconhecimento de adquiridos.

Elaborámos então (juntamente com os restantes elementos da equipa), para o nível secundário, uma nova metodologia (quadro 1), que nos pareceu passível de superar em parte algumas das dificuldades sentidas anteriormente, sem contudo deixar de ter em conta a questão das metas quantitativas, ou seja, tentando não prolongar o processo demasiadamente no tempo.

Sessões	Descrição	Duração	Técnico
1ª Sessão	Diapositivos explicativos acerca do Processo RVCC e do PRA; Entrega do cronograma das sessões; Solicitar aprofundamento da autobiografia; Marcação da próxima sessão (individual).	2 Horas/grupo	Profissional de RVC
2ª Sessão	Conversa com o adulto; Recolha de elementos da sua história de vida.	1 Hora/individual	Profissional de RVC
	Reunião de Equipa		
3ª Sessão	Apresentação do tipo de estruturação do Referencial (Áreas, Núcleos Geradores, Domínios de Referência, Critérios de Evidência e Elementos de Complexidade).	2 Horas/grupo	Formador de CLC ou STC

4ª Sessão	Descodificação da Área de CLC	2 Horas/grupo	Formador de CLC
5ª Sessão	Preenchimento de grelhas da área de CLC, com as experiências de vida de cada candidato.	2 Horas/grupo	Formador de CLC Profissional de RVC
6ª Sessão	Descodificação da Área de STC	2 Horas/grupo	Formador de STC
7ª Sessão	Preenchimento de grelhas da área de STC, com as experiências de vida de cada candidato.	2 Horas/grupo	Formador de STC Profissional de RVC
8ª Sessão	Descodificação da Área de CP	2 Horas/grupo	Formador de CP
9ª Sessão	Preenchimento de grelhas da área de CP, com as experiências de vida de cada candidato; Marcação da 10ª sessão	2 Horas/grupo	Formador CP Profissional de RVC
10ª Sessão	Elaboração de um Plano de Trabalho, individual, com base na Autobiografia, nas Grelhas preenchidas e nos Elementos recolhidos na sessão individual anterior; Início da construção do PRA (continuação da autobiografia), tendo como estrutura o Plano elaborado.	2 Horas/Grupos de 5	Profissional de RVC
11ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CLC	1 Hora/Grupos de 5	Formador CLC
12ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de STC	1 Hora/Grupos de 5	Formador STC
13ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CP	1 Hora/Grupos de 5	Formador CP
14ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CLC	1 Hora/Grupos de 5	Formador CLC
15ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de STC	1 Hora/Grupos de 5	Formador STC

16ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CP	1 Hora/Grupos de 5	Formador CP
17ª Sessão	Recolha dos PRA's	1 Hora/Grupo	Profissional de RVC
18ª Sessão	Entrega do número de competências aos candidatos, por área de competências-chave	1 Hora/Grupos de 5	Formadores das 3 Áreas
19ª Sessão	Organização final do PRA; Sugestões para a elaboração da apresentação destinada à sessão de júri de certificação.	1 Hora/Grupos de 5	Profissional de RVC
20ª Sessão	Simulação da apresentação destinada à sessão de júri de certificação.	1 Hora/Grupos de 5	Profissional de RVC
21ª Sessão	Júri de certificação.		

Quadro 1 – Metodologia desenvolvida

Na segunda sessão (quadro 1), optámos por realizar um atendimento individual, de modo a recolher o maior número possível de informações acerca das histórias de vida de cada um dos candidatos, para serem transmitidas a toda a equipa (formadoras das três áreas de competências-chave) na reunião de equipa semanal.

Pensámos que, dessa forma, os formadores, ao “descodificar” o Referencial de competências-Chave (terceira à nona sessão), o pudessem fazer de forma o mais individualizada possível, em função do conhecimento que já teriam de cada um dos adultos, tentando superar um dos constrangimentos expostos anteriormente.

É então o acompanhamento do primeiro grupo de quinze adultos com os quais iniciámos o processo de RVCC de nível secundário no CNO, seguindo esta nova metodologia, que me proponho analisar no presente trabalho de projecto, nomeadamente no terceiro capítulo.

CAPÍTULO III ANÁLISE DA DINÂMICA DE UM GRUPO DE ADULTOS EM PROCESSO DE RVCC DE NÍVEL SECUNDÁRIO

1 Caracterização do Centro Novas Oportunidades (CNO)

O Centro Novas Oportunidades da Escola Secundária C/ 3º Ciclo do Ensino Básico Camilo Castelo Branco teve início muito recentemente, em Setembro de 2008, abrangido pela Portaria 370/2008 de 21 de Maio, que regula a criação e o funcionamento dos Centros Novas Oportunidades, e pelo Despacho n.º 14310/2008 de 23 de Maio, que define um conjunto de orientações relativamente ao funcionamento dos centros novas oportunidades e ao desenvolvimento de processos de reconhecimento, validação e certificação de competências em estabelecimentos públicos de ensino básico e/ou secundário.

1.1 A equipa Técnica

A equipa técnico-pedagógica é constituída por uma Directora (Directora da escola), uma Coordenadora, uma Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento, três Profissionais de RVC e oito Formadores.

As idades dos elementos que constituem a equipa são bastante díspares, variando entre os 25 e os 57 anos, sendo os profissionais mais novos os que exercem funções de Profissional de RVC e a Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento.

Relativamente aos formadores, a equipa encontra-se sub-dividida em dois grupos, em função do nível em que os adultos se encontram no processo de RVCC: básico ou secundário. Apenas duas das formadoras desempenham funções em ambos os níveis (quadro 2).

Cada um dos três Profissionais de RVC acompanha candidatos de qualquer um dos níveis de certificação, básico ou secundário. Dois deles são licenciados em Psicologia e o restante em Sociologia do Trabalho. As formações de base dos outros elementos da equipa são bastante vastas (quadro 3).

Nível	Área de Competências-Chave	Nº de Formadores
Básico	Cidadania e Empregabilidade (CE)	1 (acumula com CP)
	Linguagem e Comunicação (LC)	1 (acumula com CLC)
	Matemática para a Vida (MV)	1
	Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)	1
Secundário	Cidadania e Profissionalidade (CP)	2 (um deles acumula com CE)
	Cultura, Língua e Comunicação (CLC)	2 (um deles acumula com LC)
	Sociedade, Tecnologia e Ciência (STC)	2

Quadro 2 - Distribuição dos formadores pertencentes à equipa em função do nível de certificação (básico ou secundário) e das áreas de competências-chave

Elemento da Equipa		Formação de base
Directora		Filologia Germânica
Coordenadora		Matemática
Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento		Psicologia
Profissionais de RVC		2 Psicologia 1 Sociologia do Trabalho
Formadores	Cidadania e Empregabilidade (CE)	Geografia
	Linguagem e Comunicação (LC)	Línguas e Literaturas Modernas – Variante Português / Francês
	Matemática para a Vida (MV)	Matemática
	Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)	Informática de Gestão
	Cidadania e Profissionalidade (CP)	1 Geografia 1 História
	Cultura, Língua e Comunicação (CLC)	1 Línguas e Literaturas Modernas – Variante Português / Francês 1 Filosofia
	Sociedade, Tecnologia e Ciência (STC)	1 Física 1 Biologia

Quadro 3 - Formação de base dos elementos pertencentes à equipa

Os únicos dois elementos da equipa que tinham, antes do início de funções no CNO da Escola Camilo Castelo Branco, experiência em processos de RVCC sou eu e outra das Profissionais de RVC, ambas com uma experiência em Centros Novas Oportunidades no período de cerca de um ano anterior ao início de funções na escola.

Os outros elementos da equipa, embora não especificamente em processos de reconhecimento de competências, possuem experiência em educação e formação de jovens (para além do ensino regular) e de adultos (conforme o estipulado no Despacho n. 11 203/2007 de 8 de Junho de 2007, onde é referido que os elementos das equipas técnico-pedagógicas dos Centros Novas Oportunidades e dos cursos EFA devem possuir, preferencialmente, formação e experiência especializadas no domínio da educação e formação de adultos) nomeadamente ao nível de:

- Docência em Cursos Profissionais e Tecnológicos;
- Docência de Unidades Capitalizáveis – Ensino Recorrente;
- Coordenação de Cursos de Educação e Formação de Jovens;
- Docência em Cursos de Educação e Formação de Jovens;
- Docência em turmas de Currículos Alternativos;
- Mediação em Cursos de Educação e Formação de Adultos;
- Docência de unidades de formação em Cursos de Educação e Formação de Adultos de nível Secundário;
- Orientação de estágios de licenciatura;
- Formação profissional;
- Formação Inicial e Contínua de Formadores.

1.2 Metodologia de Acolhimento, Diagnóstico/Triagem e Encaminhamento

A partir de orientações da ANQ (Almeida, 2008), foi desenvolvida pela equipa (Coordenadora, Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento e Profissionais de RVC), nos primeiros meses de funcionamento do CNO (Setembro e Outubro de 2008), uma metodologia de acolhimento, diagnóstico/triagem e encaminhamento dos adultos que se inscrevem no centro. Esta metodologia foi entretanto sofrendo alterações, em função de novos instrumentos de trabalho disponibilizados pela ANQ, bem como de reflexões em equipa.

Assim, apresenta-se no quadro 4 a metodologia desenvolvida, tentando dar conta das alterações que tiveram lugar.

Etapas	Descrição		Intervenientes	
Acolhimento	No início	Inscrição do adulto Sessão de esclarecimento com um grupo de adultos (Informação geral sobre o CNO; Informação geral sobre as ofertas de qualificação; Entrega de actividades de diagnóstico, para desenvolverem em casa (anexo 1); Calendarização da sessão seguinte)	Coordenadora; Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento; Profissionais de RVC; Adultos	
	Agora	Inscrição do adulto Sessão de esclarecimento com um grupo de adultos (Informação geral sobre o CNO; Informação geral sobre as ofertas de qualificação; Entrega de fichas de diagnóstico, para desenvolverem em casa (anexo 2); Calendarização da sessão seguinte)	Administrativa; Coordenadora; Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento; Adultos	
Diagnóstico/ Triagem	No início	Sessão individual com o adulto (clarificação da situação específica do adulto face à inscrição no Centro, das suas características pessoais, experiências de vida, motivações, necessidades e expectativas)		Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento; Profissionais de RVC; Adultos
	Agora			Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento; Adultos
Encaminhamento	No início	Análise da informação individual recolhida (actividades de diagnóstico) e preparação de propostas de encaminhamento	Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento; Profissionais de RVC	
		Uma ou duas sessões individuais com o adulto, para a concretização do encaminhamento	Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento; Profissionais de RVC; Adultos	
	Agora	Análise da informação individual recolhida (fichas de diagnóstico e curriculum vitae) e preparação de propostas de encaminhamento	Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento	
		Uma ou duas sessões individuais com o adulto, para a concretização do encaminhamento; Se o adulto for encaminhado para o Processo de RVCC, é-lhe então solicitado o desenvolvimento de uma autobiografia.	Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento; Adultos	

Quadro 4 - Metodologia de acolhimento, diagnóstico/triagem e encaminhamento dos adultos

O encaminhamento pode ser feito para processos de RVCC Escolar (de nível básico ou secundário) e/ou RVCC Profissional, ou para outras modalidades de educação e formação, como sejam os cursos EFA, CEF, CET, cursos de aprendizagem, cursos tecnológicos do ensino recorrente por módulos capitalizáveis, cursos profissionais, cursos de educação extra-escolar, Formações Modulares Certificadas (Portaria 230/2008 de 7 de Março), vias alternativas de conclusão do ensino secundário (decreto-lei n.º 357/2007 de 29 de Outubro), para quem frequentou, sem completar, planos de estudo que já não se encontram em vigor, ou acesso ao ensino superior “maiores de 23” (decreto-lei n.º 64/2006 de 21 de Março).

2 Caracterização da população abrangida pelo CNO

Os dados recolhidos para a presente caracterização reportam-se a todos os adultos que se inscreveram no CNO durante o período temporal que decorreu desde a sua entrada em funcionamento (Setembro de 2008) até ao final do mês de Maio de 2009.

Número total de adultos

Durante este período, inscreveram-se no CNO (ou foram transferidos de outros Centros) 707 adultos, 235 para o nível básico (B1 - 4º ano, B2 - 6º ano ou B3 - 9º ano de escolaridade) e 472 para o nível secundário (12º ano) (gráfico 1).

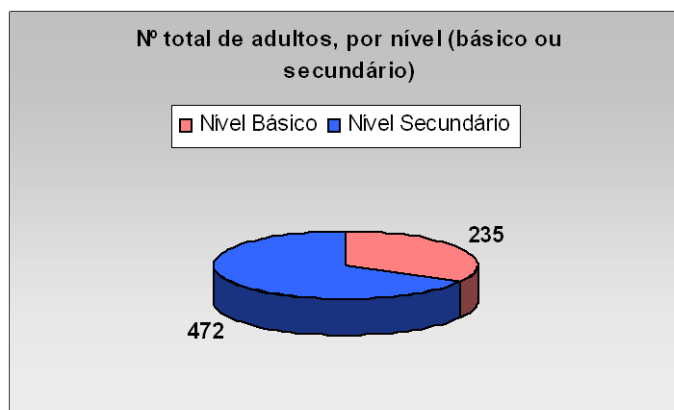


Gráfico 1

Como se constata pela leitura do gráfico 2, os adultos que se inscreveram para o nível básico situam-se maioritariamente nas faixas etárias dos 30 aos 39 anos e dos 40 aos 49 anos; os que se inscreveram para o nível secundário (ou seja, os que já têm o 9º ano de escolaridade e pretendem a equivalência ao 12º ano) são maioritariamente mais jovens (faixas etárias dos 20 aos 29 anos e dos 30 aos 39 anos).

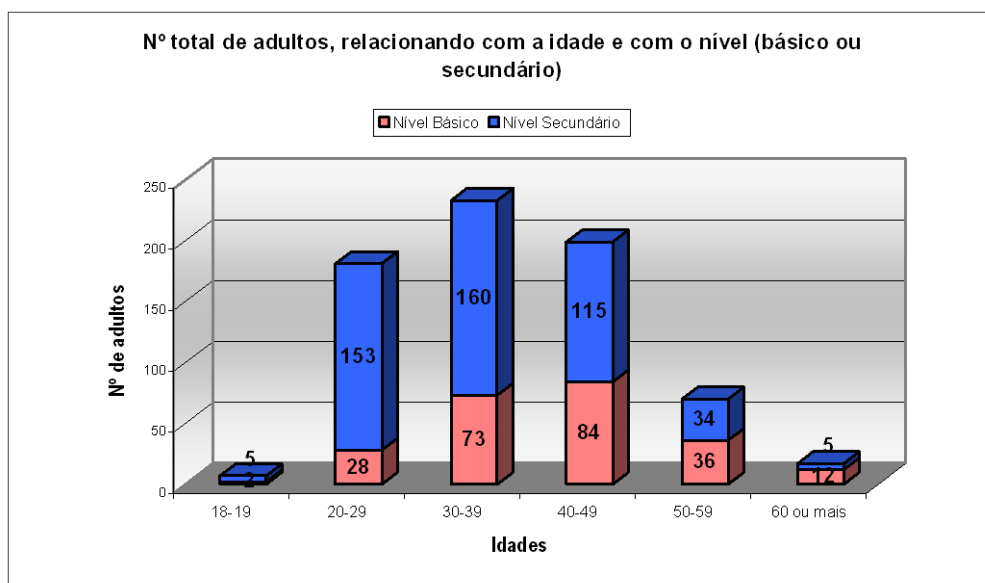


Gráfico 2

Inscreveram-se no Centro Novas Oportunidades mais mulheres do que homens, independentemente do nível em questão, básico ou secundário (gráfico 3).

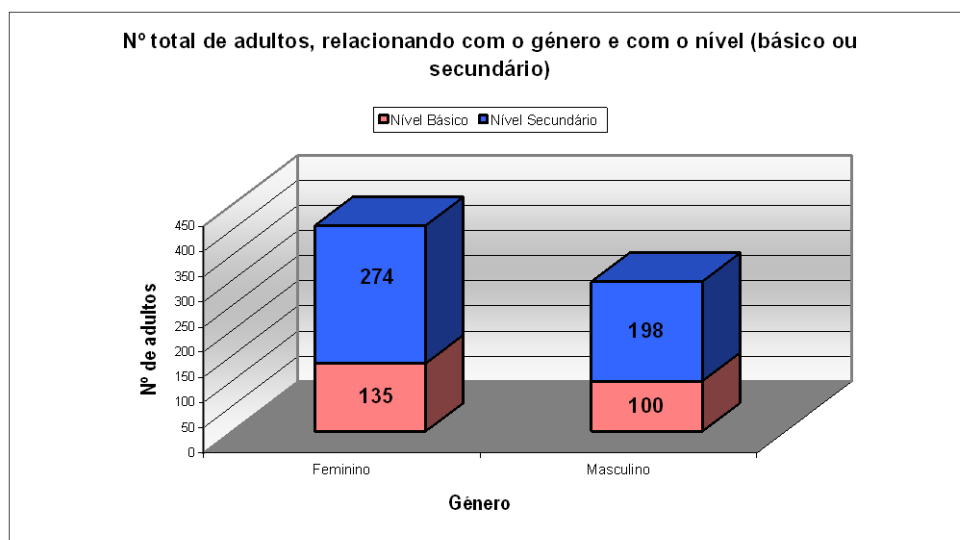


Gráfico 3

A maior parte dos adultos inscritos, em ambos os níveis, encontram-se empregados; no entanto, no nível secundário a diferença entre o número de empregados e o de desempregados é bastante maior do que no nível básico (gráfico 4).

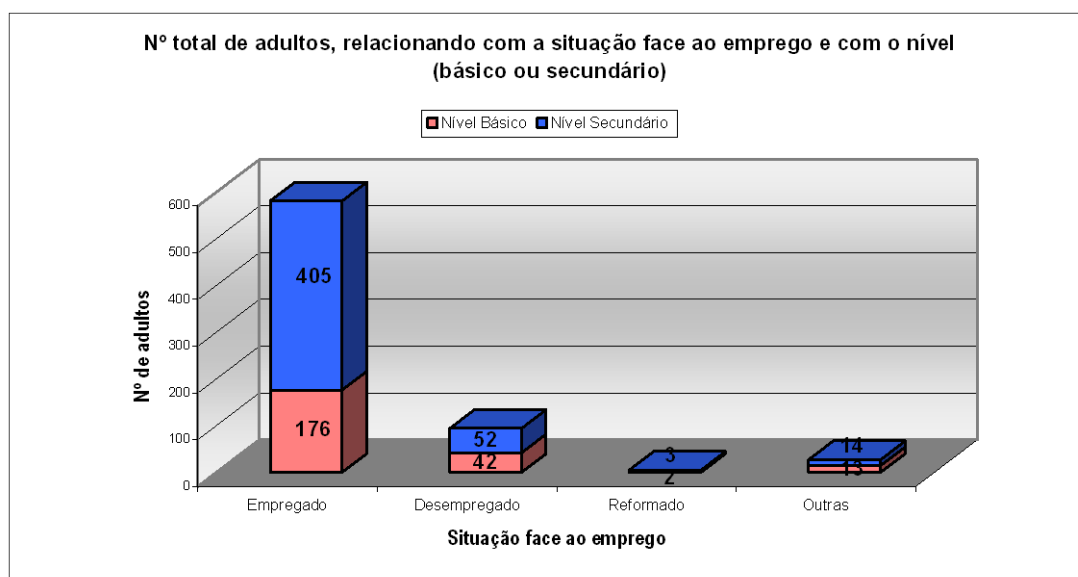


Gráfico 4

Através da análise do gráfico 5, percebemos que a maior parte dos adultos se encontravam, no final do mês de Maio, em reconhecimento de competências escolares (processos RVCC de nível básico ou de nível secundário). Existiam também 96 candidatos de nível secundário e 49 de nível básico já encaminhados para o mesmo processo, a aguardar início das sessões.

Um menor número de adultos foram encaminhados para outras ofertas, como sejam os cursos de Educação e Formação de Adultos Escolares ou de Dupla Certificação (maioritariamente os candidatos inscritos para o nível secundário, pelo facto de haver maior número de ofertas desta modalidade para esse nível, em detrimento do básico), as Unidades de Formação de Curta Duração (no caso de adultos que tenham seis ou menos disciplinas/ano em falta de um plano de estudos de nível secundário extinto ou em extinção, abrangidos pelo Decreto-Lei n.º 357/2007 de 29 de Outubro) ou os Cursos de Educação extra-escolar (para candidatos sem o 4ºano de escolaridade, de modo a poderem ver certificadas competências de leitura e escrita e posteriormente realizarem o reconhecimento de outras competências em processos de RVCC a fim de obterem uma certificação escolar).

À data havia 25 candidatos certificados através do processo RVCC, 23 com equivalência ao 9ºano e 2 ao 12º. Encontravam-se inscritos (sem terem sido convocados para a sessão de acolhimento) no CNO 95 adultos; 14 haviam participado no acolhimento e aguardavam marcação da entrevista individual; 102, por seu lado, já haviam realizado pelo menos uma entrevista com a Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento e aguardavam o encaminhamento para a oferta que melhor respondesse aos seus interesses, motivações e expectativas para o futuro.

A última coluna (outras) refere-se aos candidatos desistentes, suspensos (aqueles que, por vários motivos, tiveram que interromper temporariamente o processo) e aos transferidos para outros Centros Novas Oportunidades.

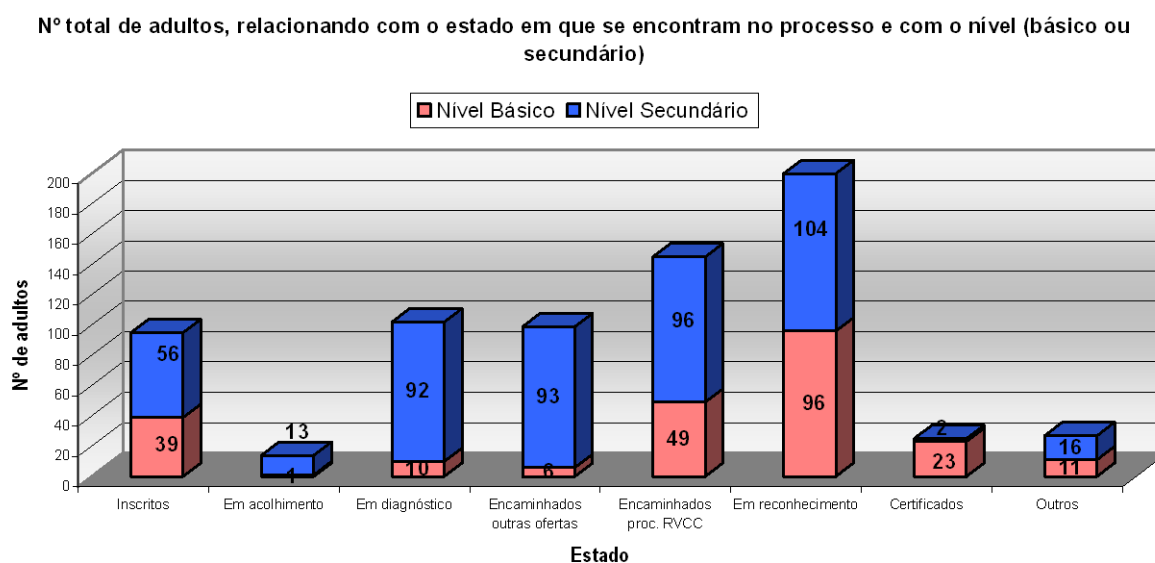


Gráfico 5

Número de adultos encaminhados ou já a frequentar o processo de RVCC

Relativamente aos adultos que foram encaminhados para o processo de reconhecimento de competências (estando já a frequentar as sessões de reconhecimento escolar ou ainda a aguardar a constituição de novos grupos), constatamos (gráfico 6) que maioritariamente se situam nas faixas etárias dos 30 aos 39 ou dos 40 aos 49 anos, independentemente do nível (básico ou secundário). Nenhum jovem adulto com 18 ou 19 anos foi encaminhado para esta oferta.

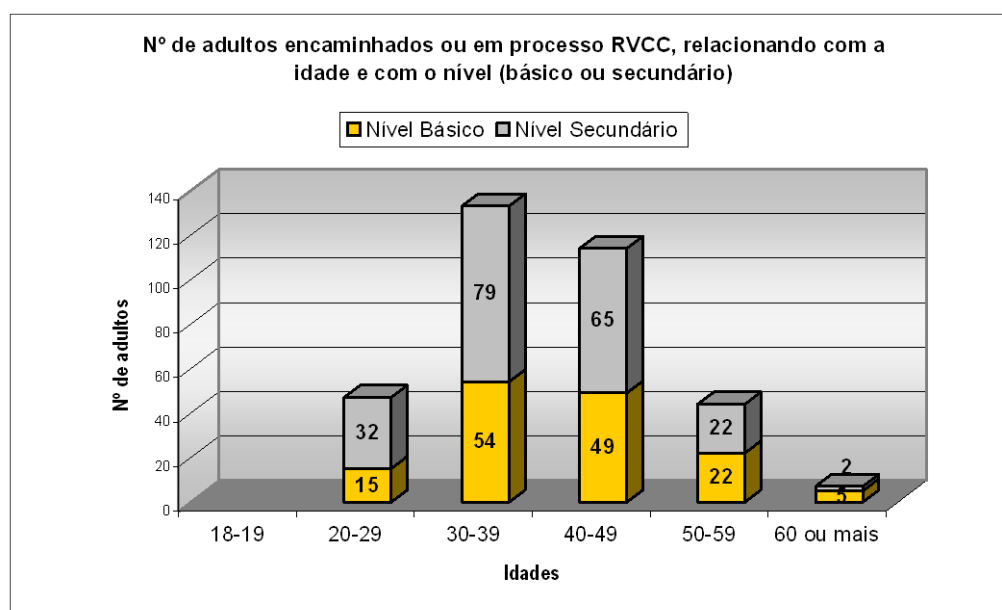


Gráfico 6

Tal como se verificou relativamente ao número total de adultos, também aqui prevalecem os do género feminino (gráfico 7).

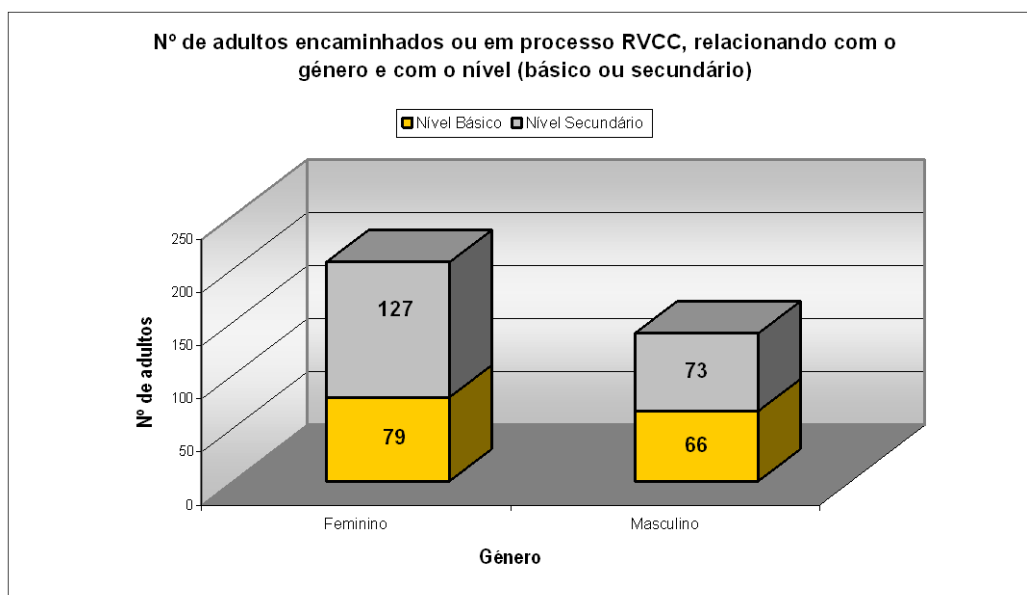


Gráfico 7

A grande maioria dos candidatos encaminhados para o processo de RVCC encontram-se empregados (gráfico 8).

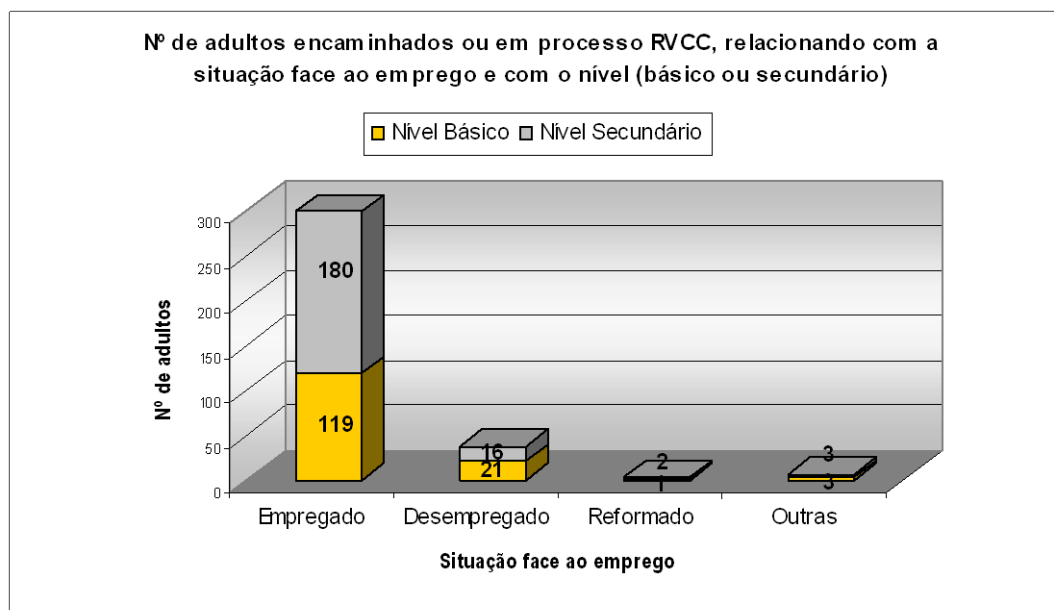


Gráfico 8

Número de adultos encaminhados para outras ofertas de educação e formação

Relativamente aos adultos encaminhados para outras ofertas que não o processo RVCC, podemos constatar através da análise do gráfico 9 que são maioritariamente (e independentemente da idade) do nível secundário.

São na sua maioria candidatos cuja faixa etária se situa entre os 20 e os 29 anos, o que contrasta com a informação constante do gráfico 6 (idades dos adultos encaminhados para RVCC), em que as faixas etárias que prevalecem são as dos 30 aos 39 e dos 40 aos 49 anos. Assim, constata-se que são encaminhados para o processo RVCC tendencialmente pessoas com mais anos/experiências de vida. Por outro lado, também nos parece que os candidatos mais jovens têm normalmente mais disponibilidade (mesmo trabalhando) para ingressarem em cursos EFA escolar em horário pós-laboral (oferta disponibilizada pela escola) e que são estes os que se encontram mais frequentemente abrangidos pelo Decreto-Lei n.º 357/2007 de 29 de Outubro, ou seja, pela possibilidade de realizarem Unidades de Formação de Curta Duração, por terem seis ou menos disciplinas/ano em falta de um plano de estudos de nível secundário extinto ou em extinção.

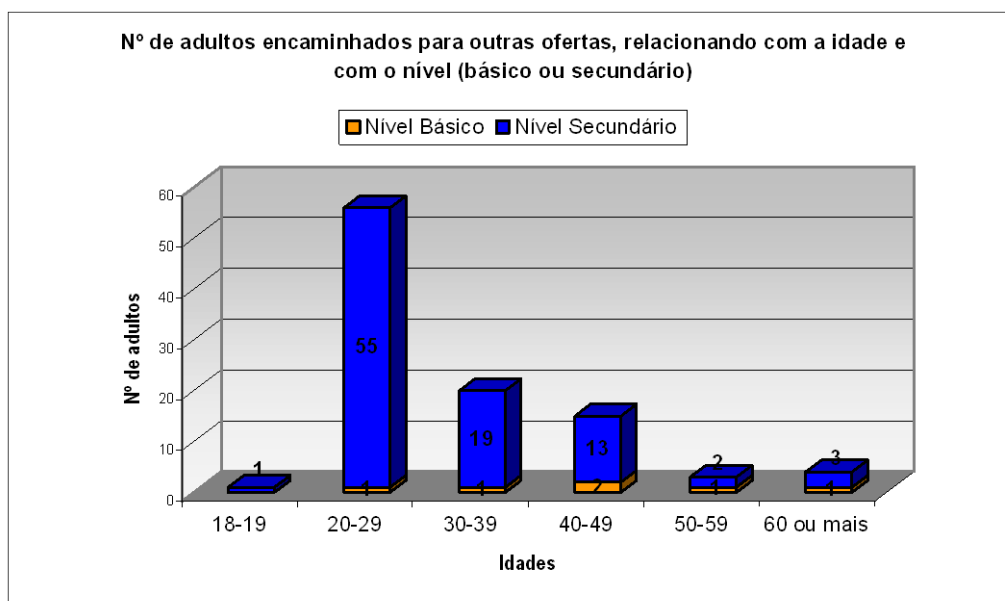


Gráfico 9

Tal como se verificou relativamente ao número total de adultos e ao número de adultos encaminhados para RVCC, também aqui prevalecem os do género feminino (gráfico 10).

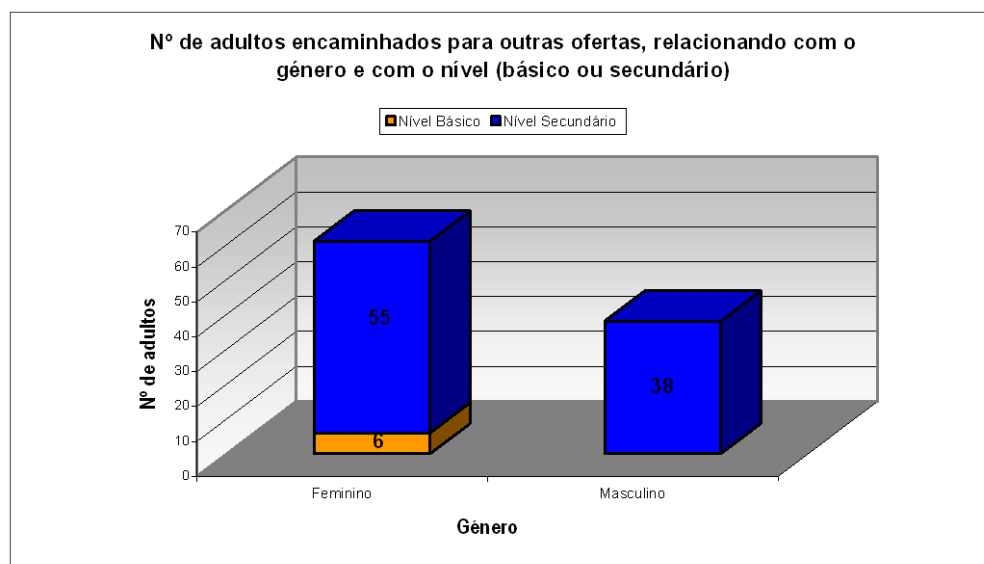


Gráfico 10

A grande maioria dos candidatos encaminhados para outras ofertas encontram-se empregados (gráfico 11).

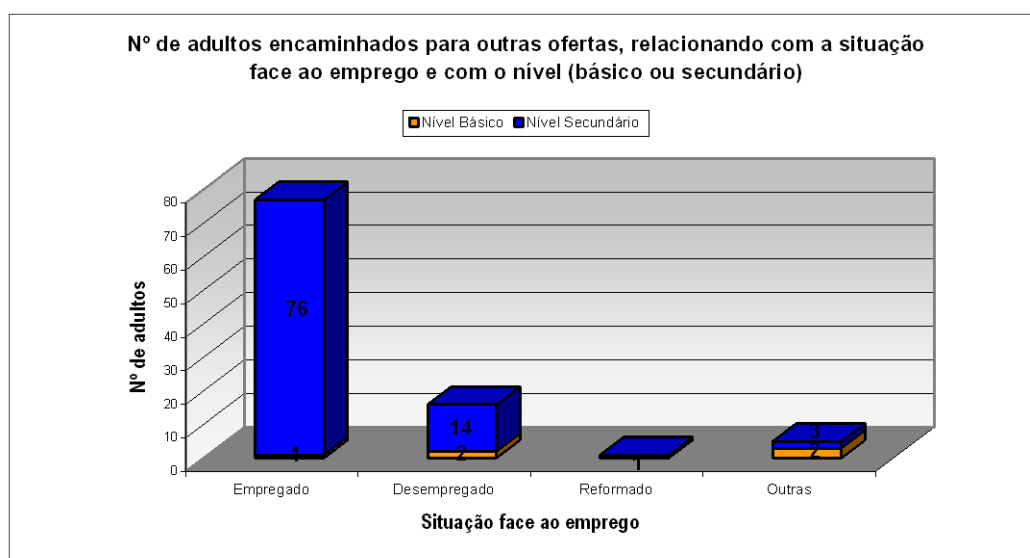


Gráfico 11

3 Caracterização do grupo de adultos

O primeiro grupo de adultos a iniciar o processo de RVCC de nível secundário no CNO, e por isso o que vai servir de base para a análise da dinâmica do processo, é constituído por quinze candidatos, doze do sexo feminino e apenas três do masculino. As respectivas faixas etárias encontram-se representadas no quadro 5.

Idade	N.º de adultos
Entre os 20 e os 29 anos	5
Entre os 30 e os 39 anos	2
Entre os 40 e os 49 anos	4
Entre os 50 e os 59 anos	4

Quadro 5 - Idades dos adultos pertencentes ao primeiro grupo

Todos os adultos que compõem o grupo encontram-se empregados, variando as suas profissões de acordo com a informação constante no quadro 6.

Profissão	N.º de adultos
Auxiliar de Acção Educativa	4
Chefe de secção	2
Auxiliar de Acção Médica	1
Assistente de consultório médico	1
Conselheira de crédito	1
Consultor de segurança informática	1
Escriturária	1
Operador arquivista	1
Operadora de lavandaria	1
Recepcionista	1
Técnica adjunta de estatística	1

Quadro 6 - Profissões dos adultos pertencentes ao primeiro grupo

A maioria dos adultos tem, em termos de habilitações académicas, o 9º ano de escolaridade completo e frequência do ensino secundário (10º, 11º, 12º), sem no entanto ter concluído nenhum ano (quadro 7).

Habilitações académicas	Nº de adultos
9º ano completo	4
9º ano completo e frequência do ensino secundário	9
10º ano completo	1
10º ano completo e frequência do 11º e do 12º	1

Quadro 7 – Habilitações académicas dos adultos pertencentes ao primeiro grupo

Como já anteriormente referido (capítulo III, 1.2, “Metodologia de Acolhimento, Diagnóstico/Triagem e Encaminhamento”) relativamente aos candidatos que se inscreveram primeiramente no CNO, na fase de acolhimento pedimos-lhes, entre outros, que desenvolvessem em casa uma narrativa crítica ou uma breve abordagem autobiográfica, com um número máximo de quatro páginas (**anexo 1**).

Os quadros 8 a 14 referem-se à análise que foi feita dessa narrativa, relativamente aos quinze candidatos. Foram criadas sete categorias em função da análise efectuada: Família (12 adultos referiram vivências relacionadas com esta categoria), Escola (11 adultos), Profissão (11 adultos), Formação (7 adultos), Actividades de Tempos Livres (5 adultos), Planos para o Futuro (4 adultos), Outras (9 adultos).

As vivências específicas mencionadas pelos adultos em cada uma das categorias encontram-se registadas nos quadros 8 a 14.

Família	
12 adultos mencionaram vivências incluídas nesta categoria	
Vivência Relatada	N.º de candidatos
Filho(s) / Nascimento do(s) filho(s)	10
Casamento	5
Morte da mãe ou do pai / Problemas de saúde da mãe ou do pai	4
Conjuge / Namorado(a)	4
Pais	3
Irmão(s)	2
Separação / Divórcio	2
Outras (Experiências apenas referidas por um candidato): Padrinhos, Ama, Avô, Sobrinho, Entrada da filha na creche, Desemprego do marido, Violência doméstica, Zanga com a filha, Cadela, Morte do sogro	5

Quadro 8 – Análise da autobiografia (categoria Família)

Escola	
11 adultos mencionaram vivências incluídas nesta categoria	
Vivência relatada	N.º de candidatos
Saída da escola / Entrada no mundo do trabalho	9
à procura de independência económica	3
por falta de motivação relativamente aos estudos	2
por maus resultados escolares	2
por dificuldades económicas dos pais	2
porque começou a aperceber-se de que, se tirasse o curso superior pelo qual tinha preferência, não conseguiria depois arranjar emprego	1
Escola secundária / Liceu	3
Escola preparatória / Entrada para a escola Preparatória	3
Escola primária / Entrada para a escola primária	3
Professores	3
Disciplinas	3
Conclusão do antigo 5º ano (equivalente ao actual 9º ano)	3
Amigos / Colegas de escola	2
Reprovação de ano	2
Orientação escolar: escolha da área de estudos no ensino secundário	2
Outras (Experiências apenas referidas por um candidato): Infantário, Réguedas, Primeiro namorado, Más notas, Dispensa da prova oral, Exame escrito, Actividades, Desmotivação.	3

Quadro 9 – Análise da autobiografia (categoria Escola)

Profissão	
11 adultos mencionaram vivências incluídas nesta categoria	
Vivência relatada	N.º de candidatos
Os diversos empregos que teve / Primeiro emprego / Emprego actual	10
Tarefas desempenhadas	7
Aprendizagens efectuadas	4
Percurso efectuado dentro da mesma Empresa / Instituição	2
A profissão mais enriquecedora / gratificante que teve	2
Reconhecimento do seu trabalho pelos superiores hierárquicos	2
Experiência profissional em part-time, por conta própria	2
Outras (Experiências apenas referidas por um candidato): Discriminação em entrevistas de emprego (candidato com uma deficiência motora), Desemprego, Negócio criado pelo próprio, Prémio ganho	2

Quadro 10 – Análise da autobiografia (categoria Profissão)

Formação	
7 adultos mencionaram vivências incluídas nesta categoria	
Vivência relatada	N.º de candidatos
Formação em Informática	2
Formação em línguas	2
Outras (Experiências apenas referidas por um candidato): Conteúdos específicos da formação frequentada, Vivências específicas durante a formação que marcaram o adulto, Competências adquiridas em acções de formação e mobilização das mesmas em contexto profissional e familiar, A possibilidade de progredir profissionalmente dentro da empresa pelo facto de ter frequentado o curso de formação, Curso de Secretariado, Atendimento telefónico, Contabilidade, Bar, Prevenção e socorrismo no trabalho, Design, Autocad, Curso profissional de Auxiliar de Acção Educativa	5

Quadro 11 – Análise da autobiografia (categoria Formação)

Actividades de Tempos Livres	
5 adultos mencionaram vivências incluídas nesta categoria	
Vivência relatada	N.º de candidatos
Voluntariado	2
Actividades artísticas (pintura, escultura)	2
Prática de desporto (dança jazz, aeróbica)	2
Outras (Experiências apenas referidas por um candidato): Participação em grupo de jovens, Agricultura biológica, Coro, Monitor de artes plásticas numa IPSS, Mestre de artes marciais (ensino de Karaté), Presidente de uma Associação de moradores, Vogal de Junta de Freguesia, Elemento pertencente a uma Associação de Pais, Elemento pertencente a uma Assembleia de Escola, Internet (autodidacta), Experiência nos escuteiros marítimos, Gosto por prestar cuidados a crianças, Gosto por poesia, Gosto por dança, Gosto pelo contacto com a natureza, Experiência em Clube de Montanhismo, Acampamentos.	4

Quadro 12 – Análise da autobiografia (categoria Actividades de Tempos Livres)

Planos para o Futuro	
4 adultos mencionaram vivências incluídas nesta categoria	
Vivência relatada	N.º de candidatos
A certificação do ensino secundário e o ingresso no ensino superior	3
Outras (Experiências apenas referidas por um candidato): Uma profissão nova, Viver com o namorado, Criar empresa própria	3

Quadro 13 – Análise da autobiografia (categoria Planos para o Futuro)

Outras	
9 adultos mencionaram vivências não incluídas em nenhuma das outras categorias	
Vivência relatada	N.º de candidatos
Mudança de casa / de localidade	3
Viagens a outros países	3
Infância, em termos muito gerais	3
Doença do próprio	2
Emigração dos pais	1
Experiência de viver em quartos alugados	1
Mudança de hábitos alimentares e de estilo de vida, em resultado de peso em excesso	1
Chegada a Portugal, aos 10 anos de idade (candidato natural de outro país)	1
Contabilidade do condomínio	1
Compra de casa	1

Quadro 14– Análise da autobiografia (categoria Outras)

As vivências mais mencionadas pelos adultos nas autobiografias são, em função de cada uma das categorias, as seguintes:

- Família: os filhos (em geral) ou o nascimento dos filhos;
- Escola: a saída da escola e a entrada no mundo do trabalho;
- Profissão: a referência aos diversos empregos;
- Formação: formação em informática e/ou em línguas;
- Actividades de tempos livres: experiência de voluntariado, actividades artísticas e/ou desporto;
- Planos para o futuro: certificação do ensino secundário e ingresso no ensino superior.

Na categoria Outras reportaram-se maioritariamente a experiências de mudança de casa, viagens ou a aspectos muito gerais da sua infância.

4 Análise das sessões de reconhecimento de competências

Foi definida uma metodologia de reconhecimento de competências, em função de reflexões em equipa, conforme já anteriormente referido no capítulo II (Motivações pessoais, quadro 1). No **anexo 3** encontra-se o plano das sessões relativamente ao primeiro grupo de adultos.

Primeira sessão

Na primeira sessão de reconhecimento de competências, da responsabilidade do profissional de RVC, e depois de um momento de apresentação, foram projectados alguns diapositivos com o intuito de clarificar os adultos quanto ao processo de RVCC, bem como quanto à elaboração do PRA.

Seguidamente procedeu-se à entrega do cronograma das sessões (**anexo 3**).

Como inicialmente as fichas que se encontram no **anexo 2** não foram utilizadas na fase de diagnóstico (como explicitado no sub-capítulo “Caracterização do CNO, Metodologia de acolhimento, diagnóstico/triagem e encaminhamento”, nomeadamente através do quadro 4), pareceu-nos importante, na primeira sessão de reconhecimento de competências, pedir aos candidatos para preencherem uma delas, que se refere às suas motivações e competências pessoais. Optámos então por proceder a algumas alterações à ficha (introduzindo algumas questões fechadas), no sentido de facilitar o processo de tratamento dos dados (**anexo 4**).

Os quadros e gráficos que se seguem referem-se a essa análise.

Como se pode verificar no quadro 15, os adultos referem maioritariamente como razões para a sua inscrição no CNO a necessidade de obter uma certificação escolar, bem como expectativas de evolução na carreira, prosseguimento de estudos ou de reconhecimento das aprendizagens que efectuaram ao longo da vida.

Razões	Frequência
A necessidade de obter uma certificação escolar	10
Encontrar emprego	0
Mudar de emprego	4
Evoluir na carreira	9
Prosseguir os estudos	9
Reconhecer as aprendizagens efectuadas ao longo da vida	9
Servir como exemplo para familiares próximos (filhos, por exemplo)	2
Outras	5

Quadro 15 - Que razões o(a) levaram a inscrever-se no Centro Novas Oportunidades?

Perguntou-se aos nove adultos que apresentam a razão “prosseguir os estudos” que formações gostariam de frequentar:

- Curso Superior de Educadora de Infância;
- Curso (não necessariamente universitário) de Marketing e Comunicação;
- Curso Superior de Nutrição; formação profissional na área de Redes e Segurança em que o 12º é requisito;
- Curso Superior de Psicologia;
- Curso Superior de História;
- Curso Superior de Enfermagem;
- Curso Superior de Design, Marketing ou Estilismo;
- Curso Superior de Gestão;
- Curso Superior de Informática.

Relativamente à questão “com a inscrição no Centro Novas Oportunidades o que espera obter?” (gráficos 12 a 17), os adultos apresentam grandes expectativas de valorização pessoal (gráfico 17). Muitos deles também esperam prosseguir os estudos (gráfico 16) e progredir na carreira (gráfico 12). Por outro lado, não parece fazer parte das expectativas de grande parte dos quinze adultos encontrar emprego ou mudar para outro (gráficos 14 e 15).

Com a inscrição no Centro Novas Oportunidades, espera progredir na carreira a nível profissional?

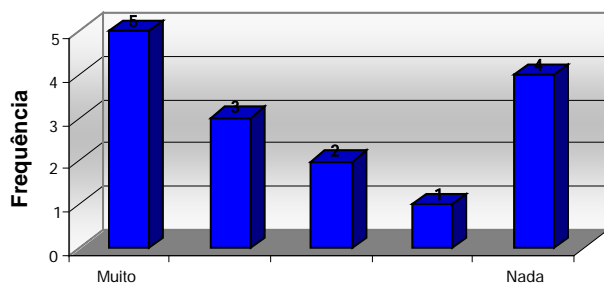


Gráfico 12

Com a inscrição no Centro Novas Oportunidades, espera melhorar o desempenho de funções, a nível profissional?

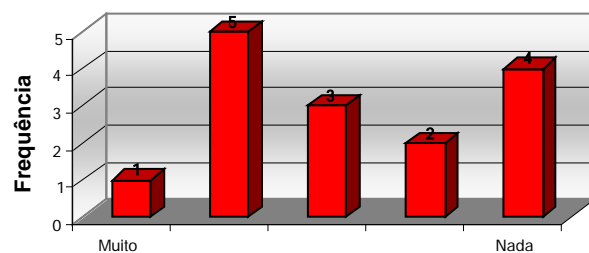


Gráfico 13

Com a inscrição no Centro Novas Oportunidades, espera mudar de emprego?

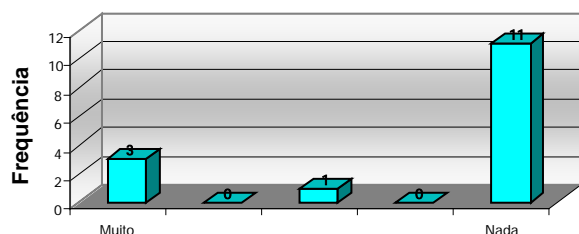


Gráfico 14

Com a inscrição no Centro Novas Oportunidades, espera encontrar emprego?

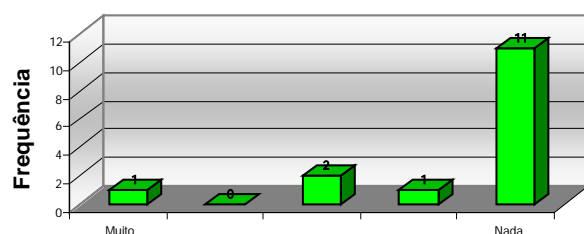


Gráfico 15

Com a inscrição no Centro Novas Oportunidades, espera prosseguir os estudos?

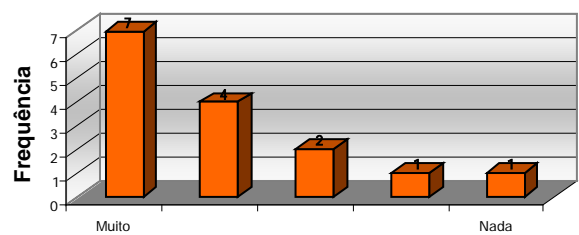


Gráfico 16

Com a inscrição no Centro Novas Oportunidades, espera valorizar-se pessoalmente?

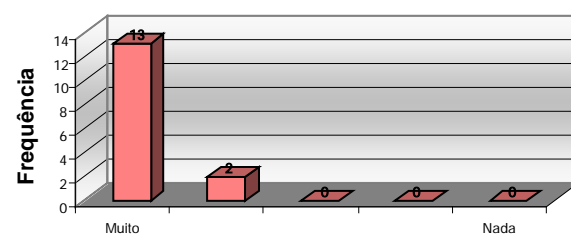


Gráfico 17

Quanto à percepção dos adultos acerca de quais as áreas de actividades que lhes despertam mais ou menos interesse, verificamos no gráfico 18 que as preferências recaem sobre actividades que envolvem tarefas que contribuem para o bem-estar dos outros (ajuda), para a pesquisa e para o trabalho relacionado com a descoberta e o

trabalho experimental (actividades científicas) e para tarefas que se realizam no exterior, em contacto com a natureza (ar livre).

Por outro lado, à excepção de alguns adultos, as tarefas que menos parecem ser do agrado do grupo prendem-se com a realização de cálculos e o trabalho com números (actividades numéricas) e com o trabalho com máquinas e ferramentas (actividades técnicas).

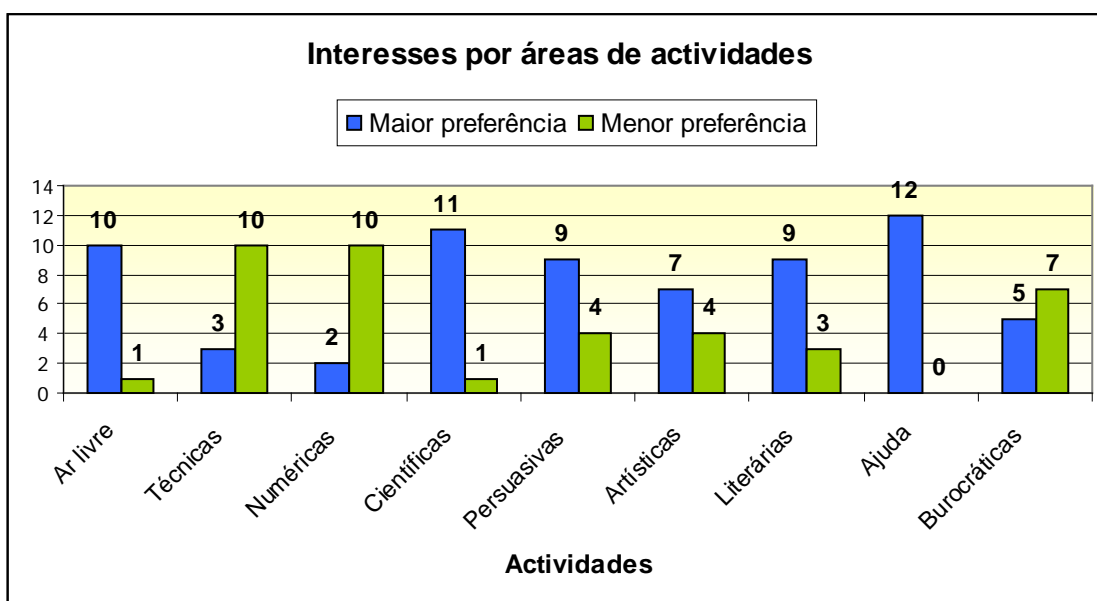


Gráfico 18

No fim da primeira sessão de reconhecimento, a profissional de RVC pediu aos adultos para preencherem em casa as restantes fichas, da terceira à sexta (**anexo 2**), referentes ao seu percurso escolar, formativo, profissional e actividades de tempos livres.

Pediu-lhes igualmente para continuarem a desenvolver a autobiografia que haviam iniciado na fase de diagnóstico.

Segunda sessão

Na segunda sessão (igualmente da responsabilidade da profissional de RVC), optou-se por realizar um atendimento individual, de modo a recolher o maior número possível de informações acerca de cada um dos candidatos, para serem transmitidas a toda a

equipa (formadoras das três áreas de competências-chave) na reunião de equipa semanal. Isto permitiria que os formadores pudessem, ao “descodificar” o Referencial de Competências-Chave (terceira à nona sessão), fazê-lo de forma o mais diferenciada possível, em função do conhecimento que já teriam de cada um deles.

Nesta sessão, a profissional de RVC, a partir do preenchimento das fichas que tinha solicitado no fim da primeira sessão (**anexo 2**), e através de um diálogo com base no que havia sido preenchido em casa, recolheu assim mais elementos acerca da história de vida de cada um dos quinze candidatos.

Os quadros que se seguem representam a análise que foi efectuada de dois desses instrumentos (percurso formativo e actividades de tempos livres; **anexo 2**).

Percurso Formativo

Cinco dos quinze adultos pertencentes ao grupo frequentaram entre uma a cinco formações; quatro frequentaram entre onze e quinze, dois mais de quinze e um entre seis e dez; três não frequentaram qualquer formação, ou não o referiram (quadro 16).

Nº de acções de formação / cursos / seminários / conferências frequentadas	Nº de adultos
Nenhuma	3
Entre 1 e 5	5
Entre 6 e 10	1
Entre 11 e 15	4
Mais de 15	2

Quadro 16 –Número de formações frequentadas

No quadro 17 podemos ver que tipo de formação os doze adultos frequentaram, uma vez que três deles não referiram nenhuma. Foram criadas onze categorias, para melhor análise dos dados, em função das formações específicas referidas pelos candidatos; essas formações encontram-se expressas na primeira coluna no quadro.

Verifica-se que oito dos doze têm frequência de pelo menos uma formação relacionada com a área da informática; sete dos doze frequentaram formação em línguas, seis em higiene e segurança e quatro em socorrismo ou primeiros socorros. As restantes formações foram frequentadas por três dos candidatos e referem-se a

cursos categorizados como pertencentes às áreas de secretariado ou administração, recursos humanos, comercial, finanças, relações interpessoais, artes e formação de formadores.

Formação frequentada	Nº de adultos
Informática (Microinformática; Introdução aos Microcomputadores; Estatística descritiva com apoio informático; Windows; Word; Excel; Access; Power Point; Programação BASIC/COBOL; PHP – Programação Internet; Autocad; Formação específica de Redes e Segurança)	8
Línguas (Atendimento e prática telefónica em Inglês; Contactos profissionais em Inglês; Inglês; Língua e cultura portuguesa; Francês; A língua e a cultura Cabo-Verdeana)	7
Higiene e Segurança (Padrão de qualidade de higiene: Alimentação, Sanitários; Segurança alimentar e autocontrolo; HACCP; Formação em evacuação; Higiene e Segurança no Trabalho; Mobilização de cargas)	6
Socorrismo / Primeiros Socorros	4
Secretariado / Administração (Dactilografia; Técnicas de secretariado; Curso de Organização Administrativa)	3
Recursos humanos (Regime de férias, faltas e licenças; Estatuto disciplinar dos funcionários e agentes da administração central, regional e local; A base de dados dos recursos humanos da administração pública; Gestão de Recursos Humanos; Legislação laboral e horários de trabalho; Horários e tempos de trabalho; Avaliação de desempenho; Recrutamento e Selecção; Gestão de equipas; Gestão do tempo)	3
Comercial (Compras e gestão de stocks; Missão cliente; Atendimento comercial e gestão de reclamações; SAV – Proactividade e venda; SAV – A acção comercial por telefone)	3

Finanças (Contabilidade Geral; Contabilidade Analítica e Documentos de Prestação de Contas; Contabilidade Orçamental e Mapas de Execução Orçamental; Delitos económicos; Análise económica e financeira; Workflow despesas)	3
Relações interpessoais (Assertividade; O adolescente e o desenvolvimento das relações interpessoais na escola; Workshops de desenvolvimento pessoal)	3
Artes (Iniciação à Pintura; Fotografia; Cerâmica; Artes decorativas; Design)	3
Formação de formadores (Curso de Formadora: Língua Portuguesa; CIP: Curso de Iniciação Pedagógica; Certificado de Aptidão Pedagógica)	3
Outras (frequentadas apenas por um adulto) (Reciclagem do lixo; Workshops sobre análises clínicas; Acção de formação em Bar; Pré e pós parto; Curso de Fotojornalismo; Integração de Auxiliar de Acção Médica; Integração de ajudante familiar; Curso de Formação Náutico; Curso de vela desportiva; Curso de Agente de Acção Educativa; Informação para Gestão; Gestão e Actualização do Inventário do Património; Documentação e linguagem nos documentos oficiais; Nova lei contrato do seguro; Sistema de Controlo Interno; Curso Básico de Segurança Social; Curso de Relações Internacionais no Âmbito da Segurança Social)	8

Quadro 17 – Tipo de formação frequentada

Actividades de Tempos Livres

Quanto às actividades de tempos livres, optou-se por compilar as respostas dadas à ficha e as informações que foram transmitidas por cada um dos candidatos aquando da segunda sessão (individual). O quadro 18 contém então, para cada uma das áreas (previamente estabelecidas na ficha 6 do **anexo 2**), a compilação de todas as actividades específicas mencionadas pelos adultos.

As actividades mais referidas relacionam-se com as de carácter desportivo e/ou de ar livre e aquelas que nenhum parece ter realizado são as científicas.

Área	Actividades mencionadas (no questionário e/ou durante a entrevista individual)	N.º de adultos
Actividades de voluntariado (apoio num lar, recolha de fundos, apoio a doentes, etc.)	Apoio no infantário ou na escola do 1º ciclo dos filhos (lanches, visitas, actividades); Voluntariado na Cruz Vermelha; Apoio a doentes ao domicílio; Contribuição para peditórios; Contribuição para a Igreja; Contribuição em causas humanitárias; Colaboração com o Banco Alimentar Contra a Fome; Apoio em actividades/visitas culturais para crianças e/ou idosos, em colaboração com Associações/Lares de idosos	11
Actividades de exercício da cidadania (partido político, sindicato, associação, etc.)	Participação nos CENSOS; Associação de Pais; Associação de Moradores; Vogal de Junta de Freguesia; Associação dos Amigos de Lisboa; Associação de Estudantes; Sócio Amnistia Internacional; Sócio ANIMAL (Protecção dos direitos dos animais); Grupo Cultural Timorense, Escuteiros; Associação Juvenil; Sociedade Filarmónica	9
Actividades desportivas e/ou de ar livre (futebol, atletismo, etc.)	<u>Desportivas</u> : Atletismo; Basquetebol; Ginástica; Karaté; Natação; BTT; Hidroginástica; Dança Jazz; Patinagem; Ginástica correctiva postural; Musculação; Futebol; Rafting; Canoagem; Vela; Paintbal; Rapel; Slide; Kart; Corfebol; Andebol; Judo; Nindjutsu; Ginástica rítmica; Aeróbica; Raides nocturnos; Raides de sobrevivência <u>De ar livre</u> : Campismo; Caminhadas; Passeios na praia; Marchas de orientação; Jardinagem	15
Actividades culturais (visitar exposições, ir ao teatro, assistir a concertos, etc.)	Visita a exposições, teatro, circo, concertos, cinema, museus, monumentos	14

Actividades artísticas (pintar, tocar um instrumento musical, grupo de teatro, etc.)	Teatro amador ou figuração; Artes circenses; Dança; Pintura; Pintura em vidro; Escultura; Fotografia; Modelo fotográfico; Cerâmica; Artes decorativas; Poesia; Instrumento musical (órgão, violão, sax alto, piano, viola, flauta)	11
Actividades de convívio social (festas, reuniões de amigos, jantares de família, etc.)	Almoços/Jantares/convívios com família, amigos e/ou colegas de trabalho; Festas de aniversário; Casamentos; Baptizados; Natal; Páscoa	13
Actividades técnicas (bricolage, explorar o computador, novas tecnologias, construção de miniaturas de aviões, etc.)	Bricolage; Construções de miniaturas (carros, barcos, aviões); Explorar as valências do computador e outras tecnologias	4
Actividades científicas (ex. prática de astronomia)		0
Outras	Leitura; Escrita; Bordados; Ponto cruz; Bijuteria; Gosto por música; Viagens; Televisão; Pesquisas na Internet; Decoração; Culinária; Manicure; Pedicure; Cabeleireiro; Puzzles; Ver o mar, Filhos	13

Quadro 18 – Actividades de Tempos Livres

Salienta-se que, nesta altura, dois dos candidatos suspenderam o processo, por motivos profissionais relacionados com indisponibilidade para se dedicarem ao mesmo. Ambos referiram ter expectativas de poder dedicar-se ao reconhecimento de competências daí a alguns meses; foi-lhes então transmitido que, nessa altura, integrariam outro grupo.

Terceira à nona sessão

Depois das três formadoras já terem então um conhecimento alargado acerca da história de vida de cada um dos treze adultos (uma vez que dois deles suspenderam temporariamente o processo), procederam à descodificação do Referencial de Competências-Chave quanto a cada uma das três áreas em questão.

A terceira sessão foi dedicada a uma apresentação global do Referencial, sem aprofundar cada uma das áreas, uma vez que nos parece o seu tipo de estruturação ser bastante complexo e de difícil entendimento.

Foi então transmitido ao grupo de adultos que o documento se encontra estruturado em áreas (CLC - Cultura Língua e Comunicação, STC - Sociedade Tecnologia e Ciência e CP - Cidadania e Profissionalidade), cada uma delas com sete (CLC e STC) ou oito (CP) núcleos geradores (temas abrangentes, a partir dos quais se podem gerar uma série de competências), cada um dos quais com quatro domínios de referência (diferentes contextos: domínio privado, profissional, institucional ou macro-estrutural), cada um deles, por sua vez, com três critérios de evidência (diferentes acções ou realizações através das quais o adulto indicia o domínio da competência visada).

Da quarta à nona sessão cada formadora apresentou a respectiva área de competências-chave, seguindo-se sempre (depois da apresentação de cada uma) uma sessão mais “prática” dedicada ao preenchimento individual de uma grelha (**anexo 5**), contendo as competências da área em questão, bem como uma coluna “em branco” para que cada adulto pudesse reflectir e registar que vivências/experiências da sua vida deram origem às respectivas competências, ou em que vivência/experiência cada competência foi mobilizada.

O conhecimento que as formadoras tinham acerca das histórias de vida de cada candidato permitiu-lhes apresentar o Referencial de forma mais individualizada, bem

como ajudá-los nesta fase de “desocultação” de aprendizagens e competências adquiridas (preenchimento das grelhas constantes do **anexo 5**).

Décima sessão

A décima sessão, da responsabilidade da profissional de RVC, foi realizada em grupos de cerca de cinco adultos, e destinou-se à elaboração de um plano de trabalho individual, com base na autobiografia e nas grelhas preenchidas para cada área de competências-chave. Esse plano, conforme explicado aos candidatos, constitui-se como o índice do seu PRA. No **anexo 6** encontram-se registados os planos que os adultos elaboraram nesta altura, sendo que não correspondem na íntegra aos índices dos portefólios finais, uma vez que ao longo do tempo foram procedendo às alterações que em cada momento lhes pareceram pertinentes.

Foi transmitida a cada adulto a importância de planificar previamente o seu trabalho, no sentido da gestão do tempo e das prioridades definidas por cada um.

A partir daqui foi então solicitado a cada adulto para continuar a elaboração do seu PRA (ou da sua autobiografia, sendo que algumas delas já se encontravam nesta altura bastante desenvolvidas), tendo como estrutura o plano elaborado.

Décima primeira à décima sexta sessão

Estas seis sessões, em grupos de cinco candidatos, destinaram-se a esclarecimento de dúvidas e sugestões de cada uma das áreas de competências-chave.

Outros três candidatos suspenderam temporariamente o processo, por não terem disponibilidade em termos de tempo para se dedicarem à elaboração do PRA. O grupo ficou então reduzido a dez adultos.

Décima sétima sessão

Nesta sessão foram recolhidos todos os portefólios, tendo sido explicado aos candidatos que as três formadoras ir-lhes-iam comunicar quantas competências haviam conseguido evidenciar daí a três semanas, na décima oitava sessão.

Décima oitava sessão

Nesta sessão as três formadoras, individualmente, transmitiram a cada candidato quantas competências havia conseguido evidenciar à respectiva área de competências-chave.

Nenhum candidato nesta altura tinha conseguido demonstrar o número mínimo de competências exigidas (44), pelo que, até à sessão de júri de validação, realizaram-se mais sessões individuais com cada uma das três formadoras, no sentido de ajudar cada adulto a evidenciar as aprendizagens em falta.

Contudo, estas sessões individuais não foram consideradas sessões de formação complementar, porquanto as formadoras não sentiram essa necessidade.

Décima nova e vigésima sessões

Estas sessões decorreram algum tempo mais tarde do que o previsto, uma vez que, conforme já explicitado, houve a necessidade de realização de mais sessões individuais com as formadoras.

Destinaram-se à organização final do PRA, bem como à simulação da apresentação em Power Point elaborada por cada adulto para a sessão de júri de certificação.

Vigésima primeira sessão – Sessão de júri de certificação

Apenas um dos dez candidatos não foi nesta altura à sessão de júri, por não ter conseguido demonstrar o número mínimo de competências exigidas; irá então frequentar sessões de formação complementar.

As sessões de júri decorreram no dia 25 de Junho (um candidato) e dia 3 de Julho (os restantes oito candidatos).

Os adultos procederam então a uma apresentação (tendo como suporte visual um documento em Power Point elaborado por cada um) de uma ou mais experiências de vida (incluídas ou não no PRA), dando conta das aprendizagens e competências que

adquiriram. O quadro 19 mostra as experiências de vida escolhidas pelos nove candidatos para exploração nesta sessão.

Adulto	Experiências/vivências mencionadas na sessão de júri
1	Infância, percurso escolar, percurso profissional, actividades paralelas (ensino, artes plásticas), participação cívica (política, associativismo), espírito cooperativo (o bairro onde reside), planos para o futuro
2	Os idosos (profissão), família
3	Família, ingresso no mundo do trabalho, percurso profissional, motivos para a inscrição no CNO, projectos para o futuro, técnicas para reconhecer um AVC, o processo RVCC
4	Discriminação devida a deficiência motora congénita, percurso escolar, experiência de viver noutro país (Luxemburgo), projectos para o futuro
5	Percurso profissional, aprendizagens pessoais (viver sozinho, trabalhar no Porto, voltar para Lisboa, mudar de empresas), experiência pessoal de perda de peso, experiência de ter escrito um livro, sites construídos pelo próprio, projectos e objectivos para o futuro
6	Percurso profissional, doença (bipolaridade), tratamento, representação de um monólogo apresentado num curso frequentado anteriormente, planos para o futuro
7	Infância e adolescência, percurso escolar, percurso profissional, freguesia onde reside, família
8	Família, percurso profissional, grupo de amigos, linha a seguir para o futuro
9	Terra natal, local de trabalho, viagens recentes à Finlândia, netos

Quadro 19 - Experiências/vivências mencionadas na sessão de júri de certificação

No final de cada um dos momentos de júri de certificação (25 de Junho e 3 de Julho), foi pedido aos adultos para preencherem um questionário de avaliação final (**anexo 7**). No quadro 20 encontra-se o número total de adultos que, para cada uma das onze questões (uma vez que, como não houve formação complementar, as questões 4.2 e 6 não foram respondidas), respondeu “muito bom” (MB), “bom” (B), “satisfatório” (Sat) ou “insatisfatório” (Insat). O NR significa “não respondeu”.

Questões	N.º de adultos				
	MB	B	Sat	Insat	NR
Aprecie o relacionamento que estabeleceu com a equipa do CNO, nomeadamente com o Profissional de RVC	9				
Aprecie o relacionamento que estabeleceu com a equipa do CNO, nomeadamente com o Formador de Cultura, Língua e Comunicação	7	2			
Aprecie o relacionamento que estabeleceu com a equipa do CNO, nomeadamente com o Formador de Cidadania e Profissionalidade	6	3			
Aprecie o relacionamento que estabeleceu com a equipa do CNO, nomeadamente com o Formador de Sociedade, Tecnologia e Ciência	6	3			
Aprecie as informações prestadas pela equipa ao longo de todo o processo RVCC	9				
As actividades realizadas durante o processo de reconhecimento de competências foram...	6	3			
Aprecie os materiais/instrumentos utilizados no processo de reconhecimento de competências	5	4			
Considera que a duração do processo de reconhecimento de competências foi...	2	6			1
Aprecie a sessão de Júri de Certificação	6	3			
Aprecie a contribuição do processo de RVCC para a sua formação a nível pessoal	7	2			
Aprecie a contribuição do processo de RVCC para a sua formação a nível profissional	5	4			

Quadro 20 – Respostas dos 9 candidatos certificados ao questionário de avaliação do processo RVCC

Através da leitura do quadro, apercebemo-nos que os nove candidatos fazem uma apreciação bastante positiva de todo o processo RVCC. Apenas um deles respondeu à questão aberta “sugestões e/ou críticas acerca do processo de RVCC em que participou”, da seguinte forma: “*O processo de RVCC em que participei foi muito bom, despertou em mim vivências adormecidas ou desconhecidas que eu próprio não dava importância e que afinal têm muita. Vou aproveitar a rampa de lançamento que é as Novas Oportunidades para fazer algo de novo e bom para a minha vida...*”.

Reflexão final

Olhando para o ano que passou, considero-me privilegiada por ter tido a oportunidade de desenvolver um trabalho de projecto com base nas dúvidas e incertezas que tinha relativamente à minha actividade profissional, procurando dar-lhes resposta.

O presente trabalho constituiu-se, assim, como um desafio pessoal, ao permitir a reflexão sobre as dinâmicas de acompanhamento dos adultos em processo RVCC e procurando ir introduzindo as mudanças que em qualquer momento nos pareceram pertinentes.

O primeiro grupo de adultos no CNO (o que serviu de ponto de partida para a análise expressa no capítulo III) constituiu-se como um grupo muito coeso, o que na nossa opinião se tornou fulcral para que tivessem chegado nove dos quinze adultos iniciais à sessão de júri de certificação na mesma altura. A avaliação que fazemos é bastante positiva, parecendo-nos que a dinâmica, metodologia e instrumentos utilizados contribuíram decisivamente para estes resultados.

Importa salientar que, dos seis candidatos que ainda não viram validadas e certificadas as suas competências, dois deles suspenderam o processo logo no início, por questões profissionais que os impossibilitaram de ter a disponibilidade necessária, três suspenderam-no a meio (dois deles por mudança de casa, sendo que acabaram por pedir transferência para outro CNO mais perto, e uma por falta de disponibilidade temporária, sendo que irá reingressar o processo a partir do mês de Setembro) e apenas uma continua ainda em reconhecimento de competências, esperando frequentar sessões de formação complementar.

No primeiro CNO onde desempenhei funções, o número de candidatos que suspendiam o processo era muito superior, sendo que muitas vezes não tínhamos uma clara percepção das razões subjacentes à sua falta de comparência nas sessões a partir de determinado momento.

Voltando ao processo de reconhecimento de competências de nível secundário no CNO da Escola Camilo Castelo Branco, depois do primeiro grupo de adultos (alvo da análise efectuada no terceiro capítulo) e até agora, já alterámos duas vezes a

metodologia definida inicialmente, fruto das observações que fomos realizando ao longo do tempo.

O quadro 21 refere-se à primeira alteração que sentimos necessidade de fazer, depois de três grupos relativamente aos quais foi adoptada a metodologia descrita no quadro 1 (Capítulo II – Motivações Pessoais).

Sessões	Descrição	Duração	Técnico
1ª Sessão	Diapositivos explicativos acerca do Processo RVCC e do PRA; Entrega do cronograma das sessões; Solicitar aprofundamento da autobiografia; Marcação da próxima sessão (individual).	2 Horas/grupo	Profissional de RVC
2ª Sessão	Elaboração de um Plano de Trabalho, individual, com base na Autobiografia e nas Grelhas preenchidas; Início da construção do PRA, tendo como estrutura o Plano elaborado.	1 Hora/individual	Profissional de RVC
3ª Sessão	Orientação da construção do PRA	1 Hora/Grupos de 5	Profissional de RVC
4ª Sessão	1ª Recolha do PRA / História de vida	1 Hora / grupo	Profissional de RVC
5ª Sessão	Apresentação do tipo de estruturação do Referencial (Áreas, Núcleos Geradores, Domínios de Referência, Critérios de Evidência e Elementos de Complexidade).	2 Horas/grupo	Formador CLC ou de STC
6ª Sessão	Descodificação da Área de CLC	2 Horas/grupo	Formador de CLC
7ª Sessão	Sugestão individual de experiências de vida a desenvolver no sentido de validar competências na área respectiva / grelhas	1 Hora/grupos de 5	Formador de CLC Profissional de RVC
8ª Sessão	Descodificação da Área de STC	2 Horas/grupo	Formador de STC
9ª Sessão	Sugestão individual de experiências de vida a desenvolver no sentido de validar competências na área respectiva / grelhas	1 Hora/grupos de 5	Formador de STC Profissional de RVC
10ª Sessão	Descodificação da Área de CP	2 Horas/grupo	Formador de CP
11ª Sessão	Sugestão individual de experiências de vida a desenvolver no sentido de validar competências na área respectiva / grelhas	1 Hora/grupos de 5	Formador CP Profissional de RVC
12ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CLC	1 Hora/Grupos de 5	Formador CLC
13ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de STC	1 Hora/Grupos de 5	Formador STC

14ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CP	1 Hora/Grupos de 5	Formador CP
15ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CLC	1 Hora/Grupos de 5	Formador CLC
16ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de STC	1 Hora/Grupos de 5	Formador STC
17ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CP	1 Hora/Grupos de 5	Formador CP
18ª Sessão	Recolha dos PRA's	1 Hora/Grupo	Profissional de RVC
19ª Sessão	Entrega do número de competências aos candidatos, por área de competências-chave	1 Hora/Grupos de 5	Formadores das 3 Áreas
20ª Sessão	Organização final do PRA; Sugestões para a elaboração da apresentação destinada à sessão de júri de certificação.	1 Hora/Grupos de 5	Profissional de RVC
21ª Sessão	Simulação da apresentação destinada à sessão de júri de certificação.	1 Hora/Grupos de 5	Profissional de RVC
22ª Sessão	Júri de certificação		

Quadro 21- Segunda metodologia desenvolvida

Comparando os dois quadros (1 e 21), a grande alteração que teve lugar prende-se com o plano de trabalho individual (estrutura de todo o PRA; índice). A sua elaboração passou a ser solicitada muito mais cedo (2ª sessão), uma vez que nos pareceu que deveria ter em conta apenas a história de vida de cada candidato, e não o Referencial de Competências-Chave (documento, nesta nova metodologia, ainda não apresentado aos adultos nesta altura). Desta forma, é o referencial que depois dever-se-á adaptar a cada um dos adultos (e ao plano elaborado) e não o contrário.

Esta metodologia foi adoptada em quatro grupos posteriores, e a avaliação que fizemos relativamente à alteração descrita no parágrafo anterior foi bastante positiva.

No entanto, para os dois grupos que iremos iniciar brevemente (em Setembro) sentimos a necessidade de proceder a outras alterações (ver quadro 22), a saber:

- Passagem de uma para duas horas de duração em grande parte das sessões;
- As sessões de “construção do PRA...” (quadro 21, 12ª à 17ª sessão; quadro 22, 8ª, 12ª e 16ª sessões) passam a decorrer imediatamente a seguir à sessão de decodificação e às sugestões da área respectiva, de modo a agregar as sessões relativas a cada uma das áreas, evitando a desorganização dos adultos;

- Entre as sessões de cada área de competências-chave, haverá uma sessão com o profissional de RVC (quadro 22, 9ª, 13ª e 17ª sessões) destinada à organização geral do PRA, independentemente das áreas de competências-chave.

Sessões	Descrição	Duração	Técnico
1ª Sessão	Diapositivos explicativos acerca do Processo RVCC e do PRA; Entrega do cronograma das sessões; Solicitar aprofundamento da autobiografia; Marcação da próxima sessão (individual).	2 horas/Grupo	Profissional de RVC
2ª Sessão	Elaboração de um Plano de Trabalho, individual, com base na Autobiografia e nas Grelhas preenchidas; Início da construção do PRA, tendo como estrutura o Plano elaborado.	2 horas/Individual	Profissional de RVC
3ª Sessão	Orientação da construção do PRA	2 horas/Grupos 5	Profissional de RVC
4ª Sessão	1ª Recolha do PRA / História de vida	1 Hora/Grupo	Profissional de RVC
5ª Sessão	Apresentação do tipo de estruturação do Referencial (Áreas, Núcleos Geradores, Domínios de Referência, Critérios de Evidência e Elementos de Complexidade).	2 horas/Grupo	Formador CLC ou de STC
6ª Sessão	Descodificação da Área de CLC	2 horas/Grupo	Formador de CLC
7ª Sessão	Sugestão individual de experiências de vida a desenvolver no sentido de validar competências na área respectiva / grelhas	2 horas/Grupos 5	Formador de CLC
8ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CLC	2 horas/Grupos 5	Formador de CLC
9ª Sessão	Organização do PRA	2 horas/Grupos 5	Profissional de RVC
10ª Sessão	Descodificação da Área de STC	2 horas/Grupo	Formador de STC
11ª Sessão	Sugestão individual de experiências de vida a desenvolver no sentido de validar competências na área respectiva / grelhas	2 horas/Grupos 5	Formador de STC
12ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de STC	2 horas/Grupos 5	Formador STC
13ª Sessão	Organização do PRA	2 horas/Grupos 5	Profissional de RVC
14ª Sessão	Descodificação da Área de CP	2 horas/Grupo	Formador de CP
15ª Sessão	Sugestão individual de experiências de vida a desenvolver no sentido de validar competências na área respectiva / grelhas	2 horas/Grupos 5	Formador CP
16ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CP	2 horas/Grupos 5	Formador CP
17ª Sessão	Organização do PRA	2 horas/Grupos 5	Profissional de RVC
18ª Sessão	Recolha dos PRA's	2 horas/Grupo	Profissional de RVC

19ª Sessão	Entrega do número de competências aos candidatos, por área de competências-chave	2 horas/Grupos 5	Formadores das 3 Áreas
20ª Sessão	Organização final do PRA; Sugestões para a elaboração da apresentação destinada à sessão de júri de certificação.	2 horas/Grupos 5	Profissional de RVC
21ª Sessão	Simulação da apresentação destinada à sessão de júri de certificação.	2 horas/Grupos 5	Profissional de RVC
22ª Sessão	Júri de certificação		

Quadro 22 – Terceira metodologia desenvolvida

Quanto aos constrangimentos explicitados no capítulo II (motivações pessoais) consideramos que alguns deles foram superados (nomeadamente a tentativa de adaptação do referencial a cada adulto e a cada história de vida em específico), mas que outros se mantêm, como sejam a obrigatoriedade de evidenciar competências através da escrita, o que muitas vezes acaba por condicionar os adultos que não se sentem tão à-vontade a este nível.

Relativamente ao grande constrangimento sentido que se reporta à articulação entre, por um lado, o acompanhamento diferenciado que cada adulto necessita para o reconhecimento das suas capacidades e competências detidas e, por outro, as metas quantitativas a cumprir pelo CNO, consideramos estar a desenvolver um trabalho que tenta dar resposta a estas duas vertentes. Contudo, parece-nos que essa difícil articulação constituir-se-á sempre como uma limitação a ter em conta.

Considero que ao longo dos dois últimos anos (período em que exerço a função de profissional de RVC), a apreciação que faço acerca do processo RVCC, bem como as motivações que me fazem desempenhar essa função foram sofrendo muitas alterações.

Se no início as expectativas e motivações que apresentava se relacionavam única e exclusivamente com os ideais do “movimento de educação permanente”, cedo percebi que esses ideais se encontravam subordinados a imperativos de ordem económica (as metas de certificações a emitir) que interferiam directamente no trabalho desenvolvido no dia-a-dia do CNO, o que acabou por me desmotivar em determinado momento.

Ao longo do tempo, no entanto, e através do contacto com os adultos em reconhecimento de competências, fui percebendo que, apesar das imposições, os

efeitos do processo em grande parte dos adultos eram precisamente os preconizados pelo movimento supracitado, como sejam o aumento do autoconhecimento e da auto-estima.

Assim, neste momento, e apesar de todas as dificuldades e desafios já explicitados, tento dar ênfase e valorizar no processo o que me parece verdadeiramente importante, que se prende com o envolvimento e implicação do adulto num processo de reflexão e reconhecimento das suas próprias capacidades e potencialidades, promovendo necessariamente a sua auto-estima.

Neste processo, sinto que, pelas próprias funções que desempenho, bem como pela postura adoptada, tenho um papel preponderante ao nível não só da motivação do adulto para reflectir sobre o seu percurso de vida, como também para prospectivar o seu futuro.

Ao terminarem o processo, com efeito, regra geral os adultos apresentam uma forte motivação para planificarem, de uma forma mais consciente, o seu percurso (de formação ou não) a curto, médio ou longo prazo. A minha prática diária e o retorno por parte dos candidatos confirmam-no.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maryline, *et al* (2008). Metodologia de acolhimento, diagnóstico e encaminhamento de adultos - Centros Novas Oportunidades, Lisboa: ANQ, Instituto de Orientação Profissional.
- ALONSO, Luísa *et al.* (2002). Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos – Nível Básico. Lisboa: ANEFA
- AGÊNCIA NACIONAL PARA A QUALIFICAÇÃO, I.P. (Julho de 2009). Balanço da Iniciativa Novas Oportunidades na Vertente destinada aos Adultos.
- CANÁRIO, Rui (1999). Educação de adultos: um campo e uma problemática. Lisboa: Educa.
- CANÁRIO, Rui (2006). Formação e adquiridos experienciais: entre a pessoa e o indivíduo. In: Figari, Gérard e outros, Orgs. (2006). Avaliação de competências e aprendizagens experienciais. Saberes, modelos e métodos. Lisboa: Educa.
- CANÁRIO, Rui (2007). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In AAVV, A educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- CANÁRIO, Rui (2008). A escola: das “promessas” às “incertezas”. Educação Unisinos, 12(2), 73-81.
- CAVACO, Cármen (2007). Reconhecimento, validação e certificação de competências: complexidade e novas actividades profissionais. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 2, pp. 21-34.
- FERNÁNDEZ, Florentino (2005). Modelos actuais de educação de pessoas adultas. In: CANÁRIO, Rui e CABRITO, Belmiro, Orgs. (2005). Educação e formação de adultos. Mutações e convergências. Lisboa: Educa / IEFP.

- FERNÁNDEZ, Florentino (2006). As raízes históricas dos modelos actuais de educação de pessoas adultas. Lisboa: Educa e UIDCE.
- FINGER, M. e ASÚN, J. M. (2003). A educação de adultos numa encruzilhada (tese). Porto Editora.
- FINGER, Matthias (2005). A educação de adultos e o futuro da sociedade. In: CANÁRIO, Rui e CABRITO, Belmiro, Orgs. (2005). Educação e formação de adultos. Mutações e convergências. Lisboa: Educa / IEFP.
- GOMES, Maria do Carmo et al. (2006a). Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos – Nível Secundário. Lisboa: DGFV
- GOMES, Maria do Carmo et al. (2006b). Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos – Nível Secundário. Guia de operacionalização. Lisboa: DGFV
- GOMES, Maria do Carmo, Francisca Simões (2007). *Carta de qualidade dos centros novas oportunidades*. Lisboa: ANQ
- JOSSO, Marie-Christine (2005). Formação de adultos : aprender a viver e a gerir as mudanças. In: CANÁRIO, Rui e CABRITO, Belmiro, Orgs. (2005). Educação e formação de adultos. Mutações e convergências. Lisboa: Educa / IEFP.
- LIMA, Licínio (2005). A educação de adultos em Portugal (1974-2004). In: CANÁRIO, Rui e CABRITO, Belmiro, Orgs. (2005). Educação e formação de adultos. Mutações e convergências. Lisboa: Educa / IEFP.
- Novas Oportunidades. Iniciativa no âmbito do Plano Nacional de Emprego e do Plano Tecnológico – 1 Abril 2006
- PIRES, Ana Luísa (2002). Educação e formação ao longo da vida: análise crítica dos sistemas e dispositivos de conhecimento e validação de aprendizagens e de competências. Lisboa: FCT/Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- PIRES, Ana Luísa (2006). O reconhecimento e validação das aprendizagens adquiridas pela experiência e a investigação. In: Figari, Gérard e outros, Orgs. (2006).

Avaliação de competências e aprendizagens experienciais. Saberes, modelos e métodos. Lisboa: Educa.

- PIRES, Ana Luísa (2007). Reconhecimento e validação das aprendizagens experienciais. Uma problemática educativa. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 2, pp. 5-20.

Legislação

- Decreto-lei n.º 64/2006 de 21 de Março
Acesso ao ensino superior Maiores de 23

- Despacho nº 11 203/2007 de 8 de Junho
Define as orientações aplicáveis aos Centros Novas Oportunidades e às entidades formadoras dos cursos EFA, nomeadamente no que respeita às competências dos membros das equipas técnico-pedagógicas dos Centros Novas Oportunidades e às habilitações para a docência dos formadores que integram as equipas técnico-pedagógicas dos Centros Novas Oportunidades (nível básico e secundário) e dos formadores que asseguram a formação de base nos cursos EFA.

- Decreto-Lei 276-C/2007 de 31 de Julho
Aprova a orgânica da Agência Nacional para a Qualificação, I.P.

- Decreto-Lei nº 357/2007 de 29 de Outubro
Vias de conclusão do ensino secundário

- Portaria nº 230/2008 de 7 de Março
Formações modulares certificadas.

- Portaria 370/2008 de 21 de Maio
Regula a criação e o funcionamento dos Centros Novas Oportunidades.

- Despacho 14310/2008 de 23 de Maio
Define as orientações para o funcionamento dos Centros Novas Oportunidades nos estabelecimentos públicos de ensino.

Índice de quadros

<i>Quadro 1 Metodologia desenvolvida.....</i>	<i>25</i>
<i>Quadro 2 Distribuição dos formadores pertencentes à equipa em função do nível de certificação (básico ou secundário) e das áreas de competências-chave.....</i>	<i>29</i>
<i>Quadro 3 Formação de base dos elementos pertencentes à equipa.....</i>	<i>29</i>
<i>Quadro 4 Metodologia de acolhimento, diagnóstico/triagem e encaminhamento dos adultos.....</i>	<i>31</i>
<i>Quadro 5 Idades dos adultos pertencentes ao primeiro grupo.....</i>	<i>40</i>
<i>Quadro 6 Profissões dos adultos pertencentes ao primeiro grupo.....</i>	<i>40</i>
<i>Quadro 7 Habilitações académicas dos adultos pertencentes ao primeiro grupo.....</i>	<i>41</i>
<i>Quadro 8 Análise da autobiografia (categoria Família).....</i>	<i>42</i>
<i>Quadro 9 Análise da autobiografia (categoria Escola).....</i>	<i>42</i>
<i>Quadro 10 Análise da autobiografia (categoria Profissão).....</i>	<i>43</i>
<i>Quadro 11 Análise da autobiografia (categoria Formação).....</i>	<i>43</i>
<i>Quadro 12 Análise da autobiografia (categoria Actividades de Tempos Livres).....</i>	<i>44</i>
<i>Quadro 13 Análise da autobiografia (categoria Planos para o Futuro).....</i>	<i>44</i>
<i>Quadro 14 Análise da autobiografia (categoria Outras).....</i>	<i>44</i>
<i>Quadro 15 Que razões o(a) levaram a inscrever-se no CNO?.....</i>	<i>47</i>
<i>Quadro 16 Número de formações frequentadas.....</i>	<i>50</i>
<i>Quadro 17 Tipo de formação frequentada.....</i>	<i>51</i>
<i>Quadro 18 Actividades de Tempos Livres.....</i>	<i>54</i>
<i>Quadro 19 Experiências/vivências mencionadas na sessão de júri de certificação.....</i>	<i>59</i>
<i>Quadro 20 Respostas dos nove candidatos certificados ao questionário de avaliação do processo RVCC.....</i>	<i>60</i>
<i>Quadro 21 Segunda metodologia desenvolvida.....</i>	<i>62</i>
<i>Quadro 22 Terceira metodologia desenvolvida.....</i>	<i>64</i>

Índice de gráficos

Gráfico 1 Número total de adultos, por nível (básico ou secundário).....	33
Gráfico 2 Número total de adultos, relacionando com a idade e com o nível (básico ou secundário).....	33
Gráfico 3 Número total de adultos, relacionando com o género e com o nível (básico ou secundário).....	34
Gráfico 4 Número total de adultos, relacionando com a situação face ao emprego e com o nível (básico ou secundário).....	34
Gráfico 5 Número total de adultos, relacionando com o estado em que se encontram no processo e com o nível (básico ou secundário).....	36
Gráfico 6 Número de adultos encaminhados ou em processo de RVCC, relacionando com a idade e com o nível (básico ou secundário).....	36
Gráfico 7 Número de adultos encaminhados ou em processo de RVCC, relacionando com o género e com o nível (básico ou secundário).....	37
Gráfico 8 Número de adultos encaminhados ou em processo de RVCC, relacionando com a situação face ao emprego e com o nível (básico ou secundário).....	37
Gráfico 9 Número de adultos encaminhados para outras ofertas, relacionando com a idade e com o nível (básico ou secundário).....	38
Gráfico 10 Número de adultos encaminhados para outras ofertas, relacionando como género e com o nível (básico ou secundário).....	39
Gráfico 11 Número de adultos encaminhados para outras ofertas, relacionando com a situação face ao emprego e com o nível (básico ou secundário).....	39
Gráfico 12 Com a inscrição no CNO, espera progredir na carreira a nível profissional?.....	48
Gráfico 13 Com a inscrição no CNO, espera melhorar o desempenho de funções, a nível profissional?.....	48
Gráfico 14 Com a inscrição no CNO, espera mudar de emprego?.....	48
Gráfico 15 Com a inscrição no CNO, espera encontrar emprego?.....	48
Gráfico 16 Com a inscrição no CNO, espera prosseguir os estudos?.....	48
Gráfico 17 Com a inscrição no CNO, espera valorizar-se pessoalmente?.....	48
Gráfico 18 Interesses por áreas de actividades.....	49

Abreviaturas e siglas

ANEFA – Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos

ANQ – Agência Nacional para a Qualificação, I.P.

CLC – Cultura Língua e Comunicação

CNO – Centro Novas Oportunidades

CP – Cidadania e Profissionalidade

CRVCC – Centro de Reconhecimento Validação e Certificação de Competências

DGEP – Direcção-Geral de Educação Permanente

DGFV – Direcção-Geral de Formação Vocacional

EFA – Educação e Formação de Adultos

PRA – Portefólio Reflexivo de Aprendizagens

RVCC – Reconhecimento Validação e Certificação de Competências

STC – Sociedade Tecnologia e Ciência

Anexos

Anexo 1 Actividades de diagnóstico (iniciais)

Anexo 2 Fichas de diagnóstico (actuais)

Anexo 3 Plano de sessões do primeiro grupo de adultos

Anexo 4 Ficha “Motivações e competências pessoais” (com questões fechadas)

Anexo 5 Grelhas das três áreas de competências-chave

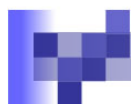
Anexo 6 Planos de trabalho elaborados pelos candidatos

Anexo 7 Questionário de avaliação final

ANEXO 1 (ACTIVIDADES DE DIAGNÓSTICO INICIAIS)



Centro Novas Oportunidades



ESCCB

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

Actividades de Diagnóstico

Nota Introdutória

Os Centros Novas Oportunidades têm como princípios orientadores: abertura e flexibilidade, confidencialidade, orientação para resultados, rigor e eficiência. Funcionam como “ porta de entrada” para todos os que procuram uma oportunidade de qualificação/certificação de nível básico ou secundário, quer esta passe por um processo de RVCC, quer através de outra modalidade educativa/formativa, dependendo do perfil que o adulto demonstre possuir.

Assim, face ao acima exposto e o com o objectivo de definir o perfil do adulto, torna-se necessário a execução de algumas actividades de diagnóstico no sentido de aferir e clarificar as suas competências, necessidades e interesses.

Deste modo e com esta finalidade solicitamos que realizem as actividades que a seguir propomos:

1. Elaboração de uma narrativa crítica ou breve abordagem autobiográfica.
2. Preenchimento de um Questionário de Cultura Geral

Documentos a entregar juntamente com as actividades (caso os tenha entregue no acto da inscrição, considere este ponto sem efeito):

- CURRICULUM VITAE – MODELO EUROPEU;
- 1 FOTOGRAFIA TIPO PASSE;
- FOTOCÓPIA DO B.I.;
- FOTOCÓPIA DO CARTÃO DE CONTRIBUINTE;
- FOTOCÓPIA DO CERTIFICADO DE HABILITAÇÕES/DIPLOMA;
- FOTOCÓPIAS DE CERTIFICADOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL;
- FOTOCÓPIAS DE OUTROS CURSOS E FORMAÇÕES;



ANEXO 1 (ACTIVIDADES DE DIAGNÓSTICO INICIAIS)



Centro Novas Oportunidades



ESCCB

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

1. Narrativa Crítica/Autobiografia

Narrativa Crítica ou Breve Abordagem Autobiográfica de uma, ou várias aprendizagens significativas da sua vida (mínimo de 2 páginas e o máximo de 4 páginas, tamanho de letra 12, fonte arial, espaçamento 1,5 entre linhas e texto justificado).

Alguns conceitos para a execução desta actividade:

Tipos de aprendizagem:

- **Aprendizagem formal:** Aquela que ocorre em instituições de ensino e formação e conduz a diplomas e qualificações reconhecidas pelo sistema de educação e formação.
- **Aprendizagem informal:** Decorre da vivência do quotidiano. Não é necessariamente intencional, podendo portanto haver maiores dificuldades em reconhecê-la como conhecimento/competência e, portanto, como enriquecimento do seu património pessoal.
- **Aprendizagem não - formal:** Pode ocorrer no local de trabalho, através de actividades em organizações, em grupos da sociedade civil e em organizações ou serviços criados em complemento aos sistemas convencionais.
- **Aprendizagem não - reflexiva:** aprendizagem pré-consciente ou inconsciente, aprendizagem de habilidades (*skills*), memorização;
- **Aprendizagem reflexiva:** reflexão, introspecção, aprendizagem reflexiva de habilidades (*skills*), aprendizagem exponencial, inovadora ➡ **Aprendizagem Significativa**

(Adaptado de Jarvis, 1995)

Noção de Competência

É a forma eficaz de utilizar saberes, capacidades, informações, estratégias para solucionar problemas concretos do dia-a-dia.

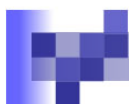
Philippe Perrenoud (adap.)



ANEXO 1 (ACTIVIDADES DE DIAGNÓSTICO INICIAIS)



Centro Novas Oportunidades



ESCCB

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

2. Questionário de Cultura Geral

(O questionário deve ter a identificação das questões, tamanho de letra 12, fonte arial, espaçamento 1,5 entre linhas e texto justificado).

I – Diga quais as vantagens e desvantagens que considera pertinentes na utilização dos meios de comunicação (*Internet, mass media*) no seu dia-a-dia.

II – O que pensa da reciclagem? Quais os seus contributos para o meio ambiente? Faz a separação do seu lixo doméstico de forma adequada?

III – Enquanto cidadão activo, considera que a declaração de IRS faz parte dos seus deveres? Como faz o preenchimento e a entrega da sua declaração?

IV - Idealize que necessita de fazer um crédito com um fim específico. Concretize as diferentes fases pelas quais terá de passar.

V - Indique alguns direitos e deveres que sustentam um contrato de trabalho.

VI – Indique algumas das regras relacionadas com a prevenção, higiene e segurança no trabalho.

VII – Na sua opinião, é importante utilizar os medicamentos genéricos? Porquê?

VIII – Reconhece os limites da auto medicação e necessidade, ou não, de receita médica?

IX – Na sua opinião, qual é o impacto social que as doenças sexualmente transmissíveis têm em todo o mundo?

a) – Para si, enquanto pessoa activa na sociedade, quais os princípios de prevenção que se devem ter nas doenças sexualmente transmissíveis?

X – Considera importante a estrutura hierárquica de uma organização? Porquê?

XI – Costuma fazer uma gestão de tempo adequada que lhe permita efectuar todas as tarefas a que se propõe no seu dia-a-dia?

XII – No nosso país, consegue identificar profissões agrícolas proeminentes na economia nacional? E profissões artesanais relevantes na economia regional?



ANEXO 1 (ACTIVIDADES DE DIAGNÓSTICO INICIAIS)



Centro Novas Oportunidades



ESCCB

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

XIII – Na sua opinião, a moda, em sentido lato, tem influência na imagem corporal e na forma de estar em sociedade? Porquê?

XIV – Considera importante o exercício físico? Porquê?

XV – De acordo com as condições de vida na actualidade, indique dois aspectos positivos e dois aspectos negativos que detecte com frequência:

a) Quando recorre ao seu centro de saúde ou ao hospital.

b) No serviço que é prestado nas escolas do Ensino Básico ou Secundário, frequentado por familiares seus.

c) Ao nível de segurança no seu dia-a-dia.

XVI – Como caracteriza a sua área de residência, a nível urbanístico e social? Que mudanças faria?

XVII – Indique dois aspectos que mudaria na sua vida.

XVIII – Considera uma mais valia ter conhecimentos de uma ou mais línguas estrangeiras na sociedade actual? Porquê?

XIV– Expectativas face ao processo de RVCC

Nome Completo -

Assinatura





Ficha 2 – Motivações e Competências Pessoais

Nome: _____

N.º de Identificação: _____ Data: _____

1. Motivações

1.1 Atitude face à inscrição

- Que razões o (a) levaram a inscrever-se no Centro de Novas Oportunidades?

- Com a inscrição no Centro de Novas Oportunidades, o que espera obter?

- Qual o nível de qualificação que pretende obter?





1.2. Interesses por áreas de actividades

Interesses são gostos ou preferências, pelo que sentir-se interessado por uma actividade significa que gosta ou gostaria de fazer ou de se relacionar com ela, quando comparada com outras actividades, independentemente da experiência ou preparação que se possua. Os interesses variam de pessoa para pessoa e não existem interesses melhores ou piores que outros. O que é importante é que cada um conheça as suas preferências ou interesses e os tenha em conta, em conjunto com outras variáveis, nas situações em que tem de tomar decisões.

Leia a definição das seguintes áreas de interesse e baseada (o) na sua experiência indique as áreas de interesse pelas quais manifesta maior e menor preferência. O não assinalar uma área de interesse significa que esta se situa num patamar mediano de preferência:

Áreas	Maior Preferência	Menor Preferência
Interesses por actividades de ar livre – preferência por tarefas que se realizam no exterior em contacto com a Natureza, por trabalho com plantas e/ ou animais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interesses por actividades técnicas – preferência por realizar tarefas técnicas que envolvem o trabalho com máquinas e ferramentas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interesses por actividades numéricas – preferência por realizar cálculos e trabalhar com números.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interesses por actividades científicas – preferência pela pesquisa, por trabalho que envolva a descoberta e o trabalho experimental.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



ANEXO 2 (FICHAS DE DIAGNÓSTICO ACTUAIS)



Centro Novas Oportunidades



ESCCB

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

Interesses por actividades persuasivas – preferência por comunicar

com pessoas no sentido de defender ideias, comportamentos ou decisões.

☐☐

Interesses por actividades artísticas – preferência por tarefas de natureza criativa.

☐☐

Interesses por actividades literárias – preferência por tarefas que envolvem a leitura e a escrita.

☐☐

Interesses por actividades de ajuda – preferência por tarefas que Contribuam para o bem-estar dos outros.

☐☐

Interesses por actividades burocráticas – preferência por tarefas de organização.

☐☐

2. Competências

2.1. Hábitos e Métodos de Estudo

- Quando andou na escola ou noutra formação como estudava? Se retomasse os seus estudos manteria os mesmos hábitos e métodos? Que mudanças introduziria?

2.2. Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)



ANEXO 2 (FICHAS DE DIAGNÓSTICO ACTUAIS)



Centro Novas Oportunidades

- Costuma utilizar o computador? Em que situações o utiliza? Como se classifica enquanto utilizador das TIC?



ESCCB

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

2.3. Línguas Estrangeiras

- Possui conhecimentos em alguma língua estrangeira? Qual? Como se classifica quanto ao domínio dessa língua?



Ficha 3 – Percurso Escolar

Nome: _____

N.º de Identificação: _____

Data: ____ / ____ / ____

ENSINO BÁSICO

Nível de Escolaridade	Tipo de Curso	Concluí?
Escola Primária / 1.º Ciclo / B1		Sim <input type="checkbox"/> Com que idade? ____ Não <input type="checkbox"/>
2.º Ciclo / B2		Sim <input type="checkbox"/> Com que idade? ____ Não <input type="checkbox"/>
3.º Ciclo / B3		Sim <input type="checkbox"/> Com que idade? ____ Não <input type="checkbox"/>

ENSINO SECUNDÁRIO

Tipo de Curso / Nível de Escolaridade	Escola / Centro de Formação	Concluiu?	Disciplinas Concluídas	Disciplinas em Falta
		Sim <input type="checkbox"/> Com que idade? _____ Não <input type="checkbox"/> Ainda a frequentar <input type="checkbox"/>		
		Sim <input type="checkbox"/> Com que idade? _____ Não <input type="checkbox"/> Ainda a frequentar <input type="checkbox"/>		
		Sim <input type="checkbox"/> Com que idade? _____ Não <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Ainda a frequentar <input type="checkbox"/>		
		Sim <input type="checkbox"/> Com que idade? _____ Não <input type="checkbox"/> Ainda a frequentar <input type="checkbox"/>		

Ficha 4 – Percurso Formativo

Nome: _____

N.º de Identificação: _____

Data: ____ / ____ / ____

Acções de formação, cursos, workshops, etc.	Instituição/Local/Data	Concluí este curso?
		Sim <input type="checkbox"/> Ainda a frequentar <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
		Sim <input type="checkbox"/> Ainda a frequentar <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
		Sim <input type="checkbox"/> Ainda a frequentar <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
		Sim <input type="checkbox"/> Ainda a frequentar <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>



Ficha 5 – Percurso Profissional

Nome: _____

N.º de Identificação: _____

Data: ____ / ____ / ____

1. Situação face ao emprego:

Empregado ☐

Desempregado ☐

À procura do primeiro emprego ☐

Outra situação. Qual? _____ ☐

Qual o seu horário regular de trabalho? _____ Regime Diurno ☐

Regime Nocturno ☐

Há quantos anos? _____

Desde? _____





2. Descrição das actividades profissionais desenvolvidas

Actividade Profissional	Entidade/Local	Que razões contribuíram para a escolha desta actividade profissional?	Que razões contribuíram para o abandono desta actividade profissional?
Actividade Profissional <hr/> Duração: ____/____ a ____/____			
Actividade Profissional <hr/> Duração: ____/____ a ____/____			
Actividade Profissional <hr/> Duração: ____/____ a ____/____			



Ficha 6 – Actividades de Tempos Livres

Nome: _____

N.º de Identificação: _____

Data: ____ / ____ / ____

Área	Quais as actividades que já realizou ou realiza?	Que razões o levam/Levaram a realizar esta actividade?
Actividades de voluntariado (apoio num lar, recolha de fundos, apoio a doentes, etc.)		
Actividades de exercício da cidadania (partido político, sindicato, associação, etc.)		
Actividades desportivas e/ou de ar livre (ex. futebol, atletismo, etc.)		
Actividades culturais (ex. visitar exposições, ir ao teatro, assistir a concertos, etc.)		
Actividades artísticas (pintar, tocar um instrumento musical, grupo de teatro, etc.)		
Actividades de convívio social (festas, reuniões de		

amigos, jantares de família, etc.)		
Actividades técnicas (<i>bricolage</i> , explorar o computador, novas tecnologias, construção de miniaturas de aviões, etc.)		
Actividades Científicas (ex. prática de astronomia)		
Outras actividades. Quais?		

ANEXO 3 (PLANO DE SESSÕES DO PRIMEIRO GRUPO)



PLANO DE SESSÕES Secundário Grupo S1-09 - 2^{as} e 4^{as} – 20H00/22H00 Profissional de RVC: Cláudia Simões

Sessões	Plano	Data	Duração	Técnico
1ª Sessão	Assinatura do encaminhamento para processo; Diapositivos explicativos acerca do Processo RVCC e do PRA; Entrega do cronograma das sessões; Solicitar aprofundamento da autobiografia; Marcação da sessão individual.	19.01.2009 2ªFeira	2 Horas/grupo	Profissional de RVC
2ª Sessão	Assinatura do contrato; Recolha de elementos da história de vida do candidato; Entrega do código do computador.	De 20.01.2009 a 23.01.2009	1 Hora/individual	Profissional de RVC
	Reunião de Equipa	26.01.2009 Ou 27.01.2009		
3ª Sessão	Apresentação do tipo de estruturação do Referencial (Áreas, Núcleos Geradores, Domínios de Referência, Critérios de Evidência e Elementos de Complexidade).	28.01.2009 4ªFeira	2 Horas/grupo	Formador de CLC ou STC
4ª Sessão	Descodificação da Área de CLC	02.02.2009 2ªFeira	2 Horas/grupo	Formador de CLC
5ª Sessão	Preenchimento das grelhas da área de CLC, com as experiências de vida de cada candidato.	04.02.2009 4ªFeira	2 Horas/grupo	Formador de CLC Profissional de RVC
6ª Sessão	Descodificação da Área de STC	09.02.2009 2ªFeira	2 Horas/grupo	Formador de STC
7ª Sessão	Preenchimento das grelhas da área de STC, com as experiências de vida de cada candidato.	11.02.2009 4ªFeira	2 Horas/grupo	Formador de STC Profissional de RVC
8ª Sessão	Descodificação da Área de CP	16.02.2009 2ªFeira	2 Horas/grupo	Formador de CP
9ª Sessão	Preenchimento das grelhas da área de CP, com as experiências de vida de cada candidato; Marcação da 10ª sessão	18.02.2009 4ªFeira	2 Horas/grupo	Formador CP Profissional de RVC
10ª Sessão	Elaboração de um Plano de Trabalho, individual, com base na Autobiografia, nas Grelhas preenchidas e nos Elementos recolhidos na sessão individual anterior; Início da construção do PRA, tendo como estrutura o Plano elaborado.	De 19.02.2009 a 27.02.2009	2 Horas/Grupos de 5	Profissional de RVC
11ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CLC	02.03.2009 e 04.03.2009	1 Hora/Grupos de 5	Formador CLC
12ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de STC	09.03.2009 e 11.03.2009	1 Hora/Grupos de 5	Formador STC

ANEXO 3 (PLANO DE SESSÕES DO PRIMEIRO GRUPO)



Centro Novas Oportunidades



ESCCB

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

13ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CP	16.03.2009 e 18.03.2009	1 Hora/Grupos de 5	Formador CP
14ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CLC	23.03.2009 e 25.03.2009	1 Hora/Grupos de 5	Formador CLC
15ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de STC	13.04.2009 e 15.04.2009	1 Hora/Grupos de 5	Formador STC
16ª Sessão	Construção do PRA: Sugestões de CP	20.04.2009 e 22.04.2009	1 Hora/Grupos de 5	Formador CP
17ª Sessão	Recolha dos PRA's	27.04.2009 2ªFeira	1 Hora/Grupo	Profissional de RVC
18ª Sessão	Entrega do Balanço de Competências aos candidatos	18.05.2009 2ªFeira	1 Hora/Grupos de 5	Formadores das 3 Áreas
19ª Sessão	Organização final do PRA; Sugestões para a elaboração da apresentação destinada à sessão de júri de validação.	25.05.2009 2ªFeira	1 Hora/Grupos de 5	Profissional de RVC
20ª Sessão	Simulação da apresentação destinada à sessão de júri de validação.	27.05.2009 4ªFeira	1 Hora/Grupos de 5	Profissional de RVC
21ª Sessão	Júri de validação			

ANEXO 4 (FICHA MOTIVAÇÕES E COMPETÊNCIAS PESSOAIS)



Ficha 2 – Motivações e Competências Pessoais

Nome: _____

N.º de Identificação: _____ Data: _____

1. Motivações

1.1 Atitude face à inscrição

- Que razões o (a) levaram a inscrever-se no Centro de Novas Oportunidades?

- A necessidade de obter uma certificação escolar ☐

- Encontrar emprego ☐

- Mudar de emprego ☐

- Evoluir na carreira ☐

- Prosseguir os estudos ☐

- Reconhecer as aprendizagens efectuadas ao longo da vida ☐

- Servir como exemplo para familiares próximos (filhos, por exemplo) ☐

Outras: Quais? _____



ANEXO 4 (FICHA MOTIVAÇÕES E COMPETÊNCIAS PESSOAIS)



Centro Novas Oportunidades



ESCCB

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

- Com a inscrição no Centro de Novas Oportunidades, o que espera obter?

Muito

Nada

Progredir na carreira a nível profissional

--	--	--	--	--

Melhorar o desempenho de funções, a nível profissional

--	--	--	--	--

Mudar de emprego

--	--	--	--	--

Encontrar emprego

--	--	--	--	--

Prosseguir os estudos

--	--	--	--	--

Valorização pessoal

--	--	--	--	--

Outras: Quais? _____

- Qual o nível de qualificação que pretende obter?

--



ANEXO 4 (FICHA MOTIVAÇÕES E COMPETÊNCIAS PESSOAIS)



Centro Novas Oportunidades

1.2. Interesses por áreas de actividades

ESCCB

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

Interesses são gostos ou preferências, pelo que sentir-se interessado por uma actividade significa que gosta ou gostaria de fazer ou de se relacionar com ela, quando comparada com outras actividades, independentemente da experiência ou preparação que se possua. Os interesses variam de pessoa para pessoa e não existem interesses melhores ou piores que outros. O que é importante é que cada um conheça as suas preferências ou interesses e os tenha em conta, em conjunto com outras variáveis, nas situações em que tem de tomar decisões.

Leia a definição das seguintes áreas de interesse e baseada (o) na sua experiência indique as áreas de interesse pelas quais manifesta maior e menor preferência. O não assinalar uma área de interesse significa que esta se situa num patamar mediano de preferência:

Áreas	Maior Preferência	Menor Preferência
Interesses por actividades de ar livre – preferência por tarefas que se realizam no exterior em contacto com a Natureza, por trabalho com plantas e/ ou animais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interesses por actividades técnicas – preferência por realizar tarefas técnicas que envolvem o trabalho com máquinas e ferramentas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interesses por actividades numéricas – preferência por realizar cálculos e trabalhar com números.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interesses por actividades científicas – preferência pela pesquisa, por trabalho que envolva a descoberta e o trabalho experimental.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interesses por actividades persuasivas – preferência por comunicar com pessoas no sentido de defender ideias, comportamentos ou decisões.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Áreas

Maior

Menor



ANEXO 4 (FICHA MOTIVAÇÕES E COMPETÊNCIAS PESSOAIS)



Centro Novas Oportunidades



ESCCB

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

Preferência

Preferência

Interesses por actividades artísticas – preferência por tarefas de natureza criativa.

☐☐

Interesses por actividades de ajuda – preferência por tarefas que Contribuam para o bem-estar dos outros.

☐☐

Interesses por actividades burocráticas – preferência por tarefas de organização.

☐☐

2. Competências

2.1. Hábitos e Métodos de Estudo

- Quando andou na escola ou noutra formação como estudava? Se retomasse os seus estudos manteria os mesmos hábitos e métodos? Que mudanças introduziria?

2.2. Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)

- Costuma utilizar o computador? Em que situações o utiliza? Como se classifica enquanto utilizador das TIC?



ANEXO 4 (FICHA MOTIVAÇÕES E COMPETÊNCIAS PESSOAIS)



Centro Novas Oportunidades

2.3. Línguas Estrangeiras

ESCCB

Escola Secundária de Camilo Castelo Branco - Carnaxide

- Possui conhecimentos em alguma língua estrangeira? Qual? Como se classifica quanto ao domínio dessa língua?



ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 1

1 A minha infância

- 1.1 Angola
- 1.2 Guerra em Angola
- 1.3 Fuga de Angola
- 1.4 Vinda para Portugal

2 Chegada a Portugal

- 2.1 Adaptação a uma nova vida
- 2.2 As dificuldades
- 2.3 Retorno à escola

3 Mudança constante de habitação

4 Nascimento do primeiro filho

- 4.1 Ida para Portimão
- 4.2 Ida para a Madeira em serviço
- 4.3 Separação

5 Regresso a Lisboa

- 5.1 Entrega total à vida profissional
- 5.2 Nascimento do segundo filho e ascensão a nível profissional

6 Meios de comunicação – a televisão na casa nova

7 A minha doença

8 Direitos humanos

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 2

1º Infância

A revolução do 25 de Abril vs 4 anos de idade
A importância da televisão e a sua influência na nossa vida
Conflito de gerações
Escola primária
A figura da Ama
O início da fé cristã
As férias na aldeia dos meus pais

2º Adolescência

Mudança de escola e consequente mudança de casa
Saída da escola no 10º ano
Início no mundo do trabalho
A água e a sua importância
A globalização
Hábitos alimentares
O desenvolvimento do meu bairro
A construção da minha própria casa

3º Percurso Profissional

O primeiro emprego
A passagem pela empresa ACE-METRO
A imobiliária
As relações de competitividade entre colegas
A escola
As relações interpessoais na escola
Higiene e segurança no trabalho
Gestão do tempo na entrega dos trabalhos aos professores
A reciclagem no trabalho
Relacionamento com os alunos

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Direitos e deveres dos trabalhadores

O EURO

4º Actividades nos tempos livres

Construção do parque infantil no meu bairro

Associação de pais

Assembleia de escolas

Grupo de amigos e os eventos

As mudanças climáticas

O computador

Métodos de lazer saudáveis

5º Família

Os meus pais

O nosso dia-a-dia vs Família

Gestão do orçamento familiar

Viagem ao Brasil

6º Os meus interesses

História

Saúde (constante busca de informação na internet)

Importância da vacinação e rastreios regulares

Prevenção de doenças

Auto-medicação

Direitos humano

Mass Média

Debates televisivos e a importância da participação dos telespectadores nos mesmos

A nefasta poluição a nível mundial

Aborto

Evolução das sociedades quanto à questão do aborto

Homossexualidade

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 3

- 1 A minha aldeia
- 1 A infância
- 2 Beja: a cidade da minha infância
- 3 A cidade grande e a integração no mundo do trabalho
- 4 Regresso a Beja
- 5 De volta a Lisboa
- 6 A Caixa dos Trabalhadores Migrantes
- 7 Cinco anos na prisão, sem estar presa
- 8 IBCP e Reitoria da U.L.
- 9 A realização na maternidade
- 10 Fora do trabalho
- 11 Tempos livres

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 4

- 1 Memórias de uma infância feliz
- 1 O percurso escolar
- 2 O percurso profissional (em São Vicente – Cabo Verde)
- 3 A continuidade dos estudos (Lisboa)
- 4 O percurso profissional (em Portugal) – Informática administrativa
- 5 Actividades paralelas
 - 5.1 Ensino
 - 5.2 Música
 - 5.3 Artes plásticas
 - 5.4 Fotografia
- 6 Participação Cívica
 - 6.1 Política
 - 6.2 Associativismo
- 7 Família
- 8 Formação
- 9 Planos para o futuro

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 5

1 As minhas primeiras memórias

- 1.1 A chegada
- 1.2 Os anos dourados da infância
- 1.3 Os medicamentos
- 1.4 A escola
- 1.5 O 25 de Abril
- 1.6 O desporto

2 A adolescência

- 2.1 A transição de escola
- 2.2 Os complexos
- 2.3 A rebeldia
- 2.4 Associação de estudantes
- 2.5 O desporto
- 2.6 Projecto de final de ano

3 Percurso profissional

- 3.1 O meu primeiro emprego
- 3.2 O Jornal "O SECULO"
- 3.3 A PALAVRA
- 3.4 A SIEMENS

4 Os meus Hobbies

- 4.1 Pintura
- 4.2 Fotografia
- 4.3 Decoração
- 4.4 Leitura e cinema
- 4.5 Concepção de bijutaria

5 Perdas e doenças

- 5.1 A morte do meu pai

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

5.2 A carta de condução

5.3 A minha meningite

5.4 O meu casamento

6 A ida para o estrangeiro

6.1 O convite

6.2 A mudança

6.3 A reciclagem

6.4 O meu primeiro emprego no Luxemburgo

6.5 Como me tornei formadora de língua portuguesa

6.6 O regresso a Portugal

7 Retomar o trabalho

7.1 As dificuldades na procura de emprego

7.2 O primeiro emprego depois do regresso

7.3 A reciclagem

7.4 Envolvimento em acções humanitárias

8 A maternidade

8.1 A espera e o desespero

8.2 A confirmação da gravidez

8.3 A gravidez

8.4 O sopro diagnóstico d`bola de Golfe

8.5 O curso de pré e pós-parto

8.6 Células estaminais

8.7 O parto

8.8 A amamentação

9 Projectos futuros

9.1 RVCC

9.2 A preparação para a chegada de um novo elemento

9.3 Aspirações futuras

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 6

1 Infância

- 1.1 A vida familiar
- 1.2 A escola
- 1.3 As férias
- 1.4 O piano
- 1.5 Meio ambiente

2 Adolescência

- 2.1 Meio ambiente
- 2.2 Estudos
- 2.3 Trabalho

3 Vida adulta

- 3.1 Trabalho
- 3.2 Casamento
- 3.3 Nascimento dos filhos
- 3.4 Doença

4 Futuro

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 7

1 A minha Infância

- 1.1 A passagem pela escola primária
- 1.2 As minhas férias no Norte
- 1.3 O 25 de Abril
- 1.4 A construção da casa de férias no Norte
- 1.5 A LASSIE

2 A minha Adolescência

- 2.1 Os dois anos de telescola
- 2.2 Os meus amigos
- 2.3 A Veiga Beirão
- 2.4 O restaurante do meu pai
- 2.5 A doença do meu pai e a sua morte
- 2.6 A minha experiência de viver numa aldeia
- 2.7 O abandono da escola

3 O meu 1º casamento

- 3.1 O nascimento das minhas filhas
- 3.2 O meu divórcio
- 3.3 A violência doméstica

4 Percurso profissional

- 4.1 O meu 1º emprego

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

4.2 A passagem pela FRECAR

4.3 A minha experiência em máquinas de vending

4.4 O meu trabalho na Associação 25 de Abril

4.5 O meu trabalho no CHLO

4.6 Os meus extras

5 O meu 2º casamento

5.1 O nascimento do meu filho

5.2 A relação existente entre o meu filho e as irmãs

5.3 Os meus amigos

5.4 A minha união familiar

5.5 A minha casa

6 Lazer

6.1 As minhas viagens pela Madeira e Tenerife

6.2 As minhas férias

6.3 As minhas caminhadas

6.4 A minha música

6.5 A minha leitura

7 Os meus projectos para o futuro

7.1 Gostava de fazer voluntariado

7.2 Gostava de tirar um curso de fisioterapia

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 8

1 DESCOBERTA (INFÂNCIA)

- PERCURSO ESCOLAR (pré-escolar até à 4ªClasse)
- AVENTURAS
 - Férias
 - Viagens
 - Museus
- CONSCIÊNCIA AMBIENTAL
- SAÚDE
 - Desporto
 - Acidentes

2 A PROCURA DO EU (ADOLESCÊNCIA)

- PERCURSO ESCOLAR (5ºAno até ao 11º)
- EXTRA CURRICULAR
 - Rádio Escola
 - Associação de estudantes
 - Artes Marciais
 - Escuteiros
- AVENTURAS
 - Férias
 - Viagens
 - Museus
- CONSCIÊNCIA AMBIENTAL
 - Reciclagem
 - Reutilização
 - Poupança de recursos
- SAÚDE
 - Desporto
 - Doenças
- CULTURA
 - Teatro
 - Fotografia

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

3 EMBATE COM A REALIDADE (VIDA ADULTA)

- PERCURSO PROFISSIONAL
 - Informática
 - Desenho
 - Orçamentos e encomendas
 - Gestão de Pessoal, material e Fornecedores
 - Execução de sítios de internet
 - Higiene e Segurança no trabalho
- PERCURSO ESCOLAR E FORMATIVO
 - Cursos
 - Ensino Recorrente
- EXPERIÊNCIAS
 - Férias
 - Viagens
 - Desporto
- SAÚDE
- ASSOCIATIVISMO E VOLUNTARIADO
 - Escutismo
 - Associativismo
- CONSCIÊNCIA AMBIENTAL
 - Reciclagem
 - Reutilização
 - Poupança de recursos ambientais

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 9

- 1 Começar a trabalhar
- 2 Voltar para Lisboa
- 3 Aprendizagens profissionais
- 4 Aprendizagens humanas
- 5 A experiência de viver sozinho
- 6 Projectos pessoais
- 7 Planos para o futuro

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 10

1 Infância

1.1 Colónia de férias

1.2 Escola primária

2 Adolescência

2.1 Escola secundária

2.2 Doença da minha mãe

3 Percurso profissional

3.1 Vodafone

3.2 S.J.B.

3.3 Assistência técnica Sony

4 Casa

4.1 Processo de aquisição

4.2 Remodelações

4.3 Orçamento

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 11

1 Infância

2 Adolescência

1.1 Percurso escolar

1.2 Actividades de tempos livres

1.3 Gosto pela poesia

3 Idade Adulta

3.1 Trabalho profissional

3.2 Percurso da minha vida pessoal

4 Voluntariado

5 Viagens

6 Lazer

7 Cursos e formações

8 Vivências marcantes

9 Nascimento da minha filha

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 12

1. Timor

- 1.1 Guerra (Electricidade, petromax, ferro de engomar-evolução)
- 1.2 Família (infância)
- 1.3 Cultura Timorense (língua, hábitos, tradição, gastronomia)

2. Portugal

- 2.1 Adaptação (língua, cultura, hábitos, grupo de dança "O Grito")
- 2.2 Clima
- 2.3 Escola
- 2.4 Gravidez (filho – saúde, morte de irmã)
- 2.5 Profissão (formação – higiene e segurança no trabalho)
- 2.6 Tempos livres (desporto, voluntariado – dia da criança, Barcelona...)

ANEXO 6 (PLANOS DE TRABALHO ELABORADOS PELOS CANDIDATOS

Plano de trabalho

Candidato 13

- 1 Infância
- 2 Escola
- 3 Revolução
- 4 Adolescência (férias, viagens)
- 5 Percurso profissional
- 6 Vida privada
- 7 Namoro
- 8 Casamento
- 9 Filhos
- 10 Gestão da casa

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO RVCC ESCOLAR – NÍVEL SECUNDÁRIO

Nome (facultativo) _____

A sua opinião sobre o processo de reconhecimento, validação e certificação de competências que acabou de vivenciar é, para nós, muito importante.

Dar a oportunidade a todos os cidadãos, maiores de dezoito anos, de ver reconhecidas e certificadas as competências que adquiriram ao longo da sua vida é uma missão em que verdadeiramente apostamos e que permanentemente queremos melhorar.

Convidamo-lo (a), por isso, a responder às questões que se seguem, assinalando com (X) a resposta que melhor traduz a sua opinião, de acordo com a seguinte escala:

- Muito Bom – MB
- Bom – B
- Satisfatório – SAT
- Insatisfatório – INSAT

1. Aprecie o **relacionamento** que estabeleceu com a equipa do Centro Novas Oportunidades, nomeadamente com:

	MB	B	Sat	Insat
Profissional de RVCC	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formador de Cultura, Língua e Comunicação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formador de Cidadania e Profissionalidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formador de Sociedade, Tecnologia e Ciência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. Aprecie as **informações** prestadas pela equipa ao longo de todo o processo RVCC:

MB	B	Sat	Insat
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. As **actividades** realizadas durante o **processo de reconhecimento de competências** foram:

MB	B	Sat	Insat
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. Aprecie os **materiais/instrumentos** utilizados

4.1. No processo de reconhecimento de competências:

MB	B	Sat	Insat
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.2. Nas formações complementares:

	MB	B	Sat	Insat
Cultura, Língua e Comunicação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cidadania e Profissionalidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sociedade, Tecnologia e Ciência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. Considera que a **duração** do processo de **reconhecimento de competências** foi:

MB	B	Sat	Insat
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. Se frequentou **formações complementares**, considera que a sua **duração** foi:

	MB	B	Sat	Insat
Cultura, Língua e Comunicação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cidadania e Profissionalidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sociedade, Tecnologia e Ciência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. Aprecie a **sessão do** Júri de Certificação:

MB	B	Sat	Insat
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. Aprecie a contribuição do processo de RVCC para a **sua formação** a nível:

8.1 Pessoal

MB	B	Sat	Insat
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8.2 Profissional

MB	B	Sat	Insat
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Sugestões e/ou críticas acerca do processo de RVCC em que participou:

Muito Obrigado(a) pela sua colaboração!